



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO / INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO,
CONTEXTOS CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES**

**CHEGUEI NO ENSINO SUPERIOR, E AGORA?
LETRAMENTO BILÍNGUE DE ESTUDANTES
SURDOS COMO PREMISSE PARA INCLUSÃO NA
UNIVERSIDADE**

DANIEL DE SOUZA SIQUEIRA

Sob a Orientação da Professora
Márcia Denise Pletsch

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Educação**, no Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares, Área de Concentração em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares.

Seropédica/Nova Iguaçu, RJ
Agosto de 2025

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S618 c Siqueira, Daniel de Souza , 1998-
 Cheguei no ensino superior, e agora? Letramento
 bilíngue de estudantes surdos como premissa para
 inclusão na Universidade / Daniel de Souza
 Siqueira. - Seropédica; Nova Iguaçu, 2025.
 80 f.: il.

 Orientadora: Márcia Denise Pletsch.
 Dissertação(Mestrado). -- Universidade Federal Rural
 do Rio de Janeiro, Programa de Pós-graduação em
 Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas
 Populares, 2025.

 1. Letramento bilíngue. 2. Educação de Surdos. 3.
 Inclusão na educação superior. 4. Acessibilidade
 comunicacional. 5. Método documentário. I. Pletsch,
 Márcia Denise , 1977-, orient. II Universidade
 Federal Rural do Rio de Janeiro. Programa de Pós
 graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e
 Demandas Populares III. Título.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CONTEXTOS
CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES



TERMO Nº 753 / 2025 - PPGEDUC (12.28.01.00.00.00.20)

Nº do Protocolo: 23083.050800/2025-61

Seropédica-RJ, 03 de setembro de 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO/INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CONTEXTOS CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS
POPULARES

DANIEL DE SOUZA SIQUEIRA

Dissertação submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de **Mestre**, no Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares. Área de Concentração em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 29/08/2025

Membros da banca:

MARCIA DENISE PLETSCHE. Dra. UFRRJ (Orientadora/Presidente da Banca).

CLEZIO DOS SANTOS. Dr. UFRRJ (Examinador Interno).

GEISELA MARIA DA FONSECA PINTO. Dra. UFRRJ (Examinadora Externa ao Programa).

LUIZ ANTONIO GOMES SENNA. Dr. UERJ (Examinador Externo à Instituição).

(Assinado digitalmente em 03/09/2025 11:30)

CLEZIO DOS SANTOS
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
PPGEO (12.28.01.00.00.00.35)
Matrícula: 1958337

(Assinado digitalmente em 03/09/2025 15:40)

GEISELA MARIA DA FONSECA PINTO
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
ICE (12.28.01.23)
Matrícula: 1604226

(Assinado digitalmente em 03/09/2025 10:05)

MARCIA DENISE PLETSCHE
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
DeptES (12.28.01.00.00.86)
Matrícula: 1639282

(Assinado digitalmente em 03/09/2025 12:56)

LUIZ ANTONIO GOMES SENNA
ASSINANTE EXTERNO
CPF: 626.280.977-53

Visualize o documento original em <https://sipac.ufrrj.br/public/documentos/index.jsp>
informando seu número: **753**, ano: **2025**, tipo: **TERMO**, data de emissão: **03/09/2025** e o
código de verificação: **4dadce3c0d**

Dedico este trabalho aos estudantes surdos, participantes
da pesquisa, que tenham sucesso em suas jornadas.

AGRADECIMENTOS

O primeiro agradecimento é para as Divindades que me protegem e fortalecem, em toda a minha vida, e também na escrita deste trabalho. Em muitos momentos o cansaço e angústia foram presentes.

Um agradecimento especial à minha tia Selma (*in memoriam*), por ter me dado toda a base e conhecimento que me permite a reflexão, dedicação, compromisso e responsabilidade.

Logo em seguida, não poderia deixar de agradecer à Profa Márcia Pletsch, que foi uma verdadeira companheira de pesquisa, me auxiliando e acalmando sempre que necessário. Não poderia deixar de esquecer o fato de ter aprendido a confiar em suas orientações e crenças que cumpriríamos com os prazos.

No contexto da vida pessoal, gostaria de agradecer ao Rodrigo por ter desempenhado um papel importante no meu ingresso no mestrado e o amadurecimento das reflexões quanto à educação pública, a parceria de amizade e acadêmica foi importante em todo o processo. Nessa direção, o apoio e acolhimento da minha prima Tatiane, bem como minha tia Rute com suas deliciosas marmitas e meu tio Marco por me adotar e mimar nos momentos em que precisei.

Gostaria de agradecer a cada conversa, carinho e paciência no final da escrita da dissertação, os cuidados que o Patrick teve comigo foram primordiais para a construção de um ambiente confortável, capaz de trazer paz e tranquilidade.

O que dizer dos laços que surgiram no processo, entre eles, o apoio do meu amigo Rafael e sua ajuda com a validação das pesquisas foi essencial para a conclusão deste trabalho. A amizade que construímos, ajudou a criar uma rede de apoio afetivo e acadêmico.

O mestrado trouxe laços como o da Jéssica, seja nas conversas ansiosas pelo telefone, seja pelas longas viagens para coletar as entrevistas, estreitou nossos laços e trouxe a reflexão de que não fazemos nada sozinho. Cito aqui outros colegas que foram importantes nesse processo: Luana, Jonatan e Valéria, que contribuíram para debates e amadurecimento acadêmico. A parceria no trabalho com a Victória, também foi essencial na organização e participação das atividades acadêmicas.

Agradeço também a todo o acolhimento do Observatório (ObEE), um grupo repleto de afetividade, receptividade e apoio acadêmico.

Também gostaria de fazer um agradecimento especial ao NAI, nas pessoas da Janaína que foi uma grande incentivadora para a realização dessa pesquisa, e Mariana que sempre se demonstrou solícita não apenas na parte burocrática, mas também no apoio emocional e a

transmissão de tranquilidade. O trabalho profissional e ético da equipe do NAI, são exemplos de como a administração e ofertas dos serviços públicos precisam ser realizados com compromisso e seriedade.

Agradeço as contribuições dos professores Luiz Antonio Senna e Clézio dos Santos, por suas valiosas colaborações no desenvolvimento da pesquisa.

Por último, mas não menos importante, os estudantes que participaram da pesquisa, agradeço pela disponibilidade e pronto aceite em contribuir com seus depoimentos.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001.

O meu muito obrigado a todos vocês!

“Enquanto houver sol, ainda haverá” - Titãs.

RESUMO

SIQUEIRA, Daniel de Souza. **Cheguei no ensino superior, e agora? Letramento bilíngue de estudantes surdos como premissa para inclusão na universidade**. 2025. 80p. Dissertação (Mestrado em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares). Instituto de Educação/Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica/Nova Iguaçu, RJ, 2025.

A presente dissertação dedica-se a analisar de que maneira o letramento bilíngue de estudantes surdos no ensino superior pode constituir-se como premissa para a inclusão universitária. Nesse sentido, busca-se aprofundar o debate sobre a relação entre inclusão e letramento bilíngue de surdos nesse nível de ensino, e a aquisição de conceitos acadêmicos. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, que busca evidenciar o percurso de vida dos estudantes e sua projeção para o futuro. Para tal, utilizamos o método documentário, visto que possibilita diálogo entre os próprios sujeitos. Trazemos como base teórica a perspectiva histórico-cultural, que nos aproxima historicamente da vivência dos sujeitos, bem como de seu processo de aquisição de linguagem e desenvolvimento. A pesquisa é caracterizada como qualitativa, do tipo exploratória, por se tratar de uma temática pouco explorada. Participaram das entrevistas semiestruturadas quatro estudantes do sexo masculino e três do sexo feminino, na faixa etária de 20–30 anos, no período de abril e maio de 2025. Os estudantes surdos são de distintos cursos de graduação da UFRRJ: licenciatura em educação especial, licenciatura em matemática (participaram três estudantes desse curso), arquitetura, ciência da computação e engenharia florestal que recebem suporte do Núcleo de Acessibilidade e Inclusão (NAI). Os dados da pesquisa, entre outros aspectos, evidenciaram marcadores sociais dos estudantes surdos, assim como diferentes perspectivas sobre a chegada até o ensino superior e a aquisição dos conceitos acadêmicos. Também, possibilitou identificar que, a oferta de suporte adequado (como profissionais qualificados e currículo acessível), favorece o desenvolvimento linguístico, acadêmico e a inclusão educacional.

Palavras-chave: Letramento bilíngue; Educação de Surdos; Inclusão na educação superior; Acessibilidade comunicacional; Método documentário.

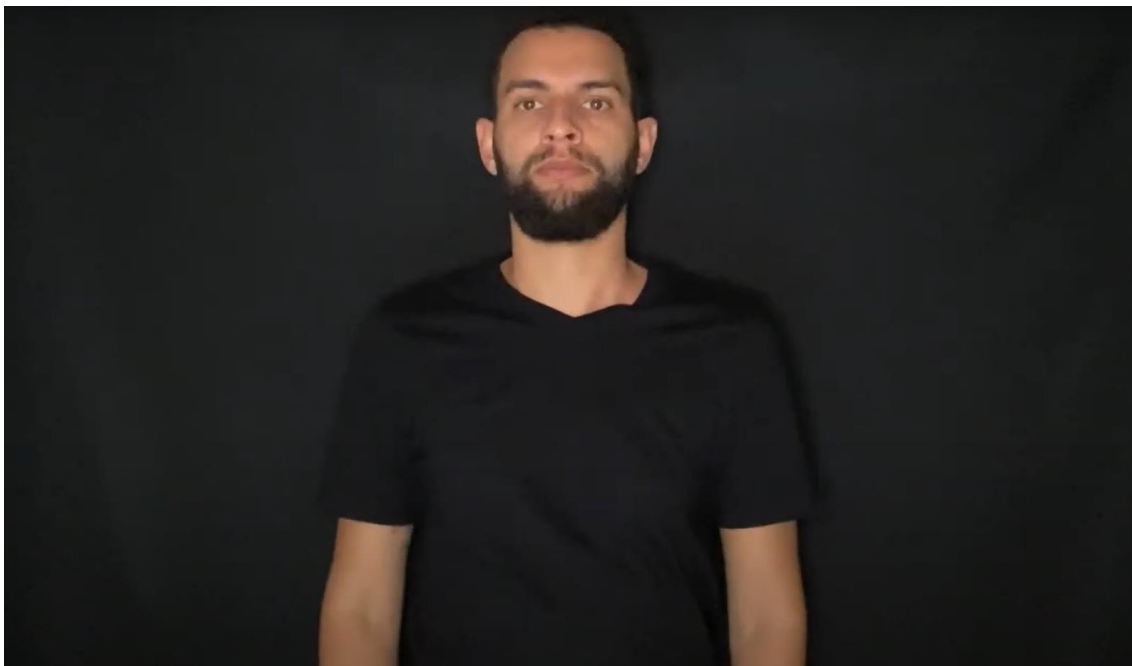
ABSTRACT

SIQUEIRA, Daniel de Souza. **I Got into Higher Education, Now What? Bilingual Literacy of Deaf Students as a Premise for Inclusion in the University.** 2025. 80p. Dissertation (Master in Education, Contemporary Contexts and Popular Demands). Instituto de Educação/Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica/Nova Iguaçu, RJ, 2025.

This dissertation analyzes how bilingual literacy for deaf students in higher education can serve as a prerequisite for university inclusion. In this sense, it seeks to deepen the debate on the relationship between inclusion and bilingual literacy for deaf students at this level of education, and the acquisition of academic concepts. It is a qualitative study that aims to highlight the students' life trajectories and their projections for the future. For this purpose, we employed the documentary method, as it enables dialogue among the subjects themselves. The research is theoretically grounded in the historical-cultural perspective, which brings us closer to the subjects' lived experiences, as well as their processes of language acquisition and development. It is characterized as qualitative and exploratory, given the limited research on this topic. Semi-structured interviews were conducted with four male and three female students, aged between 20 and 30 years, during the period of April and May 2025. The deaf students are enrolled in different undergraduate programs at UFRRJ: Special Education, Mathematics (three students from this program), Architecture, Computer Science, and Forestry Engineering, all of whom receive support from the Accessibility and Inclusion Center (NAI). The findings revealed, among other aspects, the social markers of deaf students, as well as different perspectives on their paths to higher education and the acquisition of academic concepts. Furthermore, the study identified that the provision of adequate support (such as qualified professionals and an accessible curriculum) fosters linguistic and academic development, as well as educational inclusion.

Keywords: Bilingual literacy; Deaf education; Inclusion in higher education; Communicational accessibility; Documentary method.

RESUMO EM LIBRAS



Link do vídeo: https://youtu.be/R0GWx0kh_NQ?si=CTDQkJKa0YnWBWZJ

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 — Elaboração sobre territorialidade.....	38
Figura 2 — Intersecção dos participantes para análise.....	42
Figura 3 — Mapa da Região Metropolitana e Baixada Fluminense.....	45

LISTA DE TABELAS

Quadro 1- Resultados sobre linguagem e letramento.....	25
Quadro 2 - Dimensão do bilinguismo.....	33
Quadro 3 - Dados do grupo pesquisado.....	46

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Atendimento Educacional Especializado — AEE

Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior — CAPES

Exame Nacional do Ensino Médio — ENEM

Instituto Nacional de Educação de Surdos — INES

Núcleo de Acessibilidade e Inclusão — NAI

Scientific Electronic Library Online — SciElo

Sistema de Seleção Unificada — SISU

Tradutor-intérprete de Libras — TILS

Universidade Federal de Santa Catarina — UFSC

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro — UFRRJ.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1. O QUE DIZ A LITERATURA SOBRE LETRAMENTO DE SURDOS NO ENSINO SUPERIOR?.....	22
1.1 O que diz a literatura sobre o letramento?.....	24
1.2 Discussão sobre o letramento bilíngue de surdos.....	28
1.3 O bilinguismo no processo de apropriação conceitual de sujeitos surdos.....	34
2. REFERENCIAIS METODOLÓGICOS	41
2.1 Contexto da pesquisa.....	44
2.2 Sujeitos do estudo.....	46
2.3 Produção de dados.....	47
2.4 Procedimentos de análise	50
3. O QUE DIZEM OS ESTUDANTES SOBRE SUA TRAJETÓRIA E PROJETO DE FUTURO?	52
3.1 A trajetória na educação básica	52
3.2 Cheguei no ensino superior, e agora?.....	59
3.3 O que significa esse sinal?	64
3.4 O futuro que os surdos desejam	69
CONSIDERAÇÕES FINAIS	72
REFERÊNCIAS	76
APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA OS ESTUDANTES SURDOS	80

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa se propôs a analisar a trajetória de estudantes surdos no ensino superior, bem como compreender o processo de letramento e a aquisição de novos conceitos acadêmicos por esses estudantes matriculados em cursos de graduação, na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro — UFRRJ, nos *campi* de Nova Iguaçu e Seropédica, usuários da Língua Brasileira de Sinais (Libras) como meio principal de comunicação. Dessa forma, propomos a reflexão sobre o acesso à educação, o processo de inclusão educacional, o letramento bilíngue e a apropriação de conceitos científicos no ensino superior visando compreender e contribuir para as pesquisas na área da educação de surdos.

A educação de surdos, no Brasil, passou por mudanças significativas na metodologia de ensino, ao longo dos últimos 100 anos¹. Entre os métodos estão o oralismo, a comunicação total e a educação bilíngue. O oralismo foi um método defendido por pesquisadores, da área da saúde, no Congresso de Milão em 1880, sendo utilizado por anos para ensinar pessoas surdas, com a ideia de proibir o uso das línguas de sinais, pois acreditava-se que o desenvolvimento humano se dava por meio do som, audição e fala (STROBEL, 2009). Na década de 1960, nos Estados Unidos, houve um forte movimento para se aplicar a comunicação total. No Brasil essa corrente filosófica começou em 1990, e a proposta era utilizar diversos meios de comunicação, entre eles o uso da fala, imagem e sinais (GÓES, 2012). No início dos anos 2000, deu-se início ao movimento para a educação bilíngue de surdos, a qual propõe que a Libras seja o principal meio de instrução para estudantes surdos, sendo essa utilizada atualmente (CAPOVILLA, 2000).

As pesquisas apontam que existem cerca de 10 milhões de pessoas com deficiência auditiva, no Brasil, entre estas as que adquirem ao longo da vida por diversos fatores, como a transmissão viral pré e pós-natal, bem como a idade avançada (LE MOS, 2023). Frente ao exposto, esbarramos com os debates da educação de surdos que visa o desenvolvimento cultural por meio da língua de sinais, valorizando a cultura visual e da comunidade de usuários da língua (STROBEL, 2009). Por esses motivos, não é evidente os dados de pessoas que se considerem culturalmente surdas ou deficientes auditivos, esta informação se torna pouco relevante quando iniciamos o debate sobre o direito à educação e a aprendizagem ao longo da vida, como assegura as legislações nacionais (BRASIL, 1988; 2015).

A ausência de informações claras sobre a educação de surdos, tem gerado desconhecimento de estratégias e filosofias que podem colaborar com o processo de

¹ O recorte temporal refere-se à criação do Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES em 1857, na época com o nome de Instituto Imperial de Meninos Surdos-Mudos (Rocha, 2010).

aprendizagem dos educandos. Com o avanço nas pesquisas sobre a educação bilíngue de surdos, outras modalidades como a comunicação total, o uso da bimodalidade, e a multimodalidade, ou o uso da língua de sinais e outras formas de comunicação, tem sido pouco explorada na formação básica de professores, bem como na prática com esses estudantes (GÓES, 2012). Por isso, torna-se necessário investigar sobre as ações que a educação de surdos tem tomado frente à necessidade de alfabetizar e formar cidadãos capazes de se comunicar e viver com autonomia.

Vale ressaltar, que a pesquisa surgiu de inquietações quanto ao acesso de estudantes ao modelo educacional bilíngue de surdos, como estudante egresso do curso de Pedagogia do INES e atuante na área. Foram muitos os questionamentos quanto à proposta, durante a disciplina de Estágio Supervisionado II, a observação foi realizada na Escola Municipal Machado de Assis, no município de Mesquita, na Baixada Fluminense², com um estudante matriculado no 3º ano do ensino fundamental, o qual não se comunicava oralmente e tampouco em Libras. No entanto, ao escrever o trabalho de conclusão de curso, optamos por debater a ampliação de acesso às escolas de tempo integral em escolas públicas, visando o desenvolvimento pleno dos estudantes filhos da classe trabalhadora. Cabe ressaltar que o território da Baixada, foi o mesmo que me desenvolvi e constitui enquanto sujeito social. A reflexão sobre a educação em tempo integral surgiu das discussões realizadas no Grupo de Estudos sobre Racismo e Surdez — GERES, do INES, o qual se debruça a debater questões estruturais do racismo na sociedade brasileira e como se reflete em pessoas negras-surdas e seu processo educacional.

A atuação na educação de surdos como tradutor-intérprete de Libras — TILS, iniciada em 2017, principalmente na educação de jovens e adultos, concomitante ao curso de Pedagogia, hoje reconhecido como Pedagogia Bilíngue, possibilitou a reflexão prática e teórica sobre a área. Embora certificado para atuar no ensino superior desde 2018, por meio do curso de aperfeiçoamento, somente no ano de 2020 essa experiência foi iniciada. Importante ressaltar que nesse momento, o mundo vivia a pandemia pelo vírus da Covid-19 e por isso a interação ocorria de forma remota. Por meio de edital de apoio técnico do Núcleo de Acessibilidade e Inclusão — NAI, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro — UFRRJ iniciou-se a atuação como bolsista intérprete e tivemos contato com alguns dos sujeitos participantes dessa pesquisa. Destacamos que os intérpretes eram bolsistas, visto que

² A Baixada Fluminense está localizada na região metropolitana do estado do Rio de Janeiro, região com pouco investimento em políticas públicas, além de ser conhecida como uma região marginalizada e de violência iminente (SILVA, 2018).

em 2019 o cargo de tradutor-intérprete de linguagem de sinais foi extinto pelo poder executivo federal, por reivindicação da classe de tradutores intérpretes, na tentativa da conquista de valorização da categoria. Ademais, quando a profissão começou a maioria dos profissionais tinham apenas formação de nível médio e após a criação do curso de letras-libras, a formação acadêmica foi possível.

A trajetória profissional e acadêmica, nos levaram a reflexão sobre a forma como estudantes surdos têm acessado ou não a educação no Brasil, bem como os métodos utilizados atualmente têm contribuído para seu pleno desenvolvimento. Para isso, a investigação se dá no grupo de pesquisa Observatório de Educação Especial e Inclusão Educacional (ObEE), localizado no Instituto Multidisciplinar — Nova Iguaçu, desde 2009. O grupo baseia-se na ciência cidadã transformadora, a qual é utilizada para estudos da realidade local propondo reflexões para ações de ensino, pesquisa e extensão, em defesa dos Direitos Humanos.

O ObEE, têm sido um importante espaço de discussão e produção científica, principalmente para a região. O grupo é registrado no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico — CNPq, e está vinculado ao Laboratório Multiusuário Centro de Inovação Tecnológica e Educação Inclusiva (CITEI), aprovado e registrado no Ministério de Ciência e Tecnologia e Comunicação (MCTI). A gestão do grupo é realizada por meio de um comitê gestor, que possui uma coordenação geral e adjunta, constituída por pesquisadoras que integram a área da Educação Especial da UFRRJ (PLETSCH *et al.* 2024). A presente pesquisa foi desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares da UFRRJ — PPGEduc/UFRRJ, na linha de Estudos Contemporâneos e Práticas Educativas. A pesquisa teve financiamento, no primeiro ano, da Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior — CAPES, código de financiamento 001, por meio do Programa de Demanda Social.

Após essa breve apresentação, retornaremos a discussão sobre a educação de surdos, que na contemporaneidade, especificamente nos últimos 20 anos, passou por mudanças significativas na conquista do reconhecimento da Libras como meio de comunicação oficial da comunidade surda e por sua vez a principal língua de instrução de sujeitos surdos, como é possível observar na Lei nº 10.436/02 e o Decreto nº 5626/05 (BRASIL, 2002; 2005). Com as legislações supracitadas, o direito à acessibilidade comunicacional por meio da presença dos tradutores-intérpretes, e o acesso ao ensino superior passaram a ser realidade para pessoas surdas. A educação bilíngue de surdos, recentemente, foi incluída como modalidade de ensino na Lei de Diretrizes e Bases para a Educação Básica nº 9394/96, por meio da Lei nº 14.191/21 (BRASIL, 1996; 2021). Essas mudanças na educação de surdos trazem questionamentos sobre

o direito ao desenvolvimento da criança surda, isso porque a lei prevê a criação de classes e escolas bilíngues, conhecidas como classes especiais de surdos, as quais promovem segregação e não permitem que pessoas com deficiência se desenvolvam em “condições” igualitárias, “participando das mesmas atividades sociais, educacionais e de lazer que os demais”, com o devido suporte, como propõe a educação na perspectiva inclusiva (GLAT; FERNANDES, 2005).

A proposta de educação bilíngue de surdos apresenta algumas questões, que apenas garantir a criação de classes e escolas não são suficientes para estimular o desenvolvimento pleno desses sujeitos e sua inserção na sociedade. Por isso, a pesquisa parte da ideia de a educação bilíngue de surdos, no Brasil, investigar em sua grande maioria o desenvolvimento linguístico e o ensino da Libras como primeira língua — L1 e o português escrito como segunda língua — L2. Todavia, esse modelo bilíngue para surdos, aponta para a dificuldade de se estabelecer o bilinguismo, isso porque segundo Prado (2017) existe a garantia de um ensino com ênfase na língua de sinais, mas que as estratégias são monolíngues. Podemos dizer então, que a educação brasileira não permite que os estudantes surdos tenham condições de desenvolver habilidades interculturais, pois há a “negação” das reais condições que os permitam apropriar-se de ambas as línguas e culturas durante seu processo educacional.

A perspectiva histórico-cultural nos apresenta pistas para analisar o processo de aprendizagem dos estudantes. Vigotski propõe analisar o desenvolvimento por meio da interação social, uma vez que desde a primeira infância nos comunicamos e a partir disso desenvolvemos o pensamento e a linguagem (VIGOTSKI, 2008). No caso de estudantes surdos, é comum que estes adquiram uma língua de sinais tardiamente, por crescerem em lares com pessoas ouvintes, o que segundo Kelman; Razuk e Castro (2024) quando ocorre a ausência de língua em crianças surdas implica em déficit emocional, cognitivo e social. Neste sentido, procuramos dialogar com os estudantes a fim de investigar sua trajetória educacional. Os diferentes níveis de comunicação dos estudantes, apontam que a estimulação precoce na infância, ou a falta dela, implicam no desenvolvimento ao longo da vida.

Por isso, pressupomos que os estudantes que tiveram acesso à educação melhor estruturada, na capital fluminense, apresentam níveis melhores de desenvolvimento em comparação com os estudantes de famílias que não tiveram acesso à informação sobre a surdez e os suportes necessários. Por isso, as instituições públicas de ensino que os estudantes frequentaram e a oferta de acessibilidade comunicacional, nos parece ser primordial para que chegassem no ensino superior e conseguissem desenvolver o letramento acadêmico. Com a

chegada no ensino superior, nos preocupa os suportes que os estudantes surdos precisam para apropriarem-se dos conceitos acadêmicos. Por isso compreendemos como inclusão educacional, a garantia dos direitos de acesso, participação e aprendizagem que possibilita seu pleno desenvolvimento (PLETSCH, 2025, no prelo).

Para tanto, traçamos como objetivo investigar o letramento bilíngue e a aquisição de conceitos por estudantes surdos no ensino superior. Como objetivos específicos: a) analisar a trajetória de estudantes surdos; b) investigar a inclusão de surdos no ensino superior; c) identificar estratégias de letramento bilíngue e aquisição de conceitos, utilizadas pelos estudantes surdos; e d) explorar a oferta de apoios e suportes, como meio de propiciar a acessibilidade comunicacional. Para tal, partimos da hipótese que oferecer aos estudantes surdos na educação superior letramento bilíngue de L1 e L2 favorece a sua apropriação de conceitos acadêmicos e, conseqüentemente, inclusão educacional.

A pesquisa é qualitativa, do tipo exploratória, por se tratar de uma temática e área pouco explorada, e baseando-se nos estudos de Vigotski sobre linguagem, pensamento e desenvolvimento social, assim como a função do letramento. Utilizamos o método documentário de Ralf Bohnsack (2020), para estruturar e analisar os dados do campo, registrados em vídeo. O objetivo do método é analisar as experiências de vida de indivíduos de um determinado grupo social, neste caso, jovens surdos universitários. Realizamos entrevistas semiestruturadas com 7 estudantes surdos matriculados em distintos cursos de graduação da UFRRJ, são eles: licenciatura em educação especial, licenciatura em matemática (participaram três estudantes desse curso), arquitetura, ciência da computação e engenharia florestal. Participaram quatro estudantes do sexo masculino e três do sexo feminino, na faixa etária de 20–30 anos, as entrevistas ocorreram entre os meses de abril e maio de 2025.

Seguindo o método documentário, a princípio pensamos em realizar rodas de conversa de forma online que após a qualificação do projeto, seguimos com a coleta de forma presencial. Tal proposta foi um pouco alterada, dada a realidade dos estudantes que se encontravam em período letivo e por isso reuni-los em um mesmo momento tornou-se um desafio. A pesquisa foi submetida ao comitê de ética e aprovada em dezembro de 2024, protocolo CAEE nº 84455424.3.0000.0311.

Nossa dissertação está estruturada da seguinte forma. No primeiro capítulo, desenvolvemos, por meio do levantamento bibliográfico (LAKATOS, 1992), termos específicos da educação bilíngue de surdos, letramento bilíngue e ensino superior analisando a literatura no recorte temporal de 2013–2023, no repositório *online* da CAPES e na busca de

trabalhos publicados na plataforma *Scientific Eletronic Library Online — SciELO*. Por isso, na primeira parte do capítulo, apresentamos as pesquisas encontradas e os debates sobre o ingresso de estudantes surdos no ensino superior e os achados nos bancos de dados acerca da temática. Depois, apresentamos uma discussão sobre os conceitos de letramento bilíngue, conversando com o conceito inicial de letramento no Brasil, acompanhado dos estudos sobre o bilinguismo cultural. Finalizamos o capítulo, discutindo sobre as dificuldades apresentada pelos estudantes surdos, e como a interação social contribui para o desenvolvimento linguístico, cultural e acadêmico. Como aporte teórico quanto o processo de aquisição de conceitos dos estudantes surdos, optamos por seguir os estudos de Vigotski (2008; 2021) sobre a construção do pensamento e da linguagem, as barreiras sociais impostas às pessoas com deficiência, e como isso implica em sua construção como sujeitos histórico-cultural.

No segundo capítulo, apresentamos nosso processo metodológico, trata-se de uma pesquisa do tipo exploratória, por ser um campo pouco pesquisado na literatura brasileira. Por isso, usamos o método documentário criado por Ralf Bohnsack, baseado nos estudos iniciais de Karl Mannheim (1893–1947), a escolha se baseou no fato de permitir a relação entre o conhecimento e o pensamento do sujeito em seu contexto social. Organizamos encontros presenciais, o método sugere rodas de conversa, mas só foi possível um encontro nesse formato, os demais foram realizados individualmente e seguiu três blocos temáticos, são eles: contexto social/educacional dos sujeitos; ingresso no ensino superior; e a perspectiva para o futuro. A maior parte dos estudantes residem na Baixada Fluminense e na periferia do Rio de Janeiro. As entrevistas foram em língua de sinais e a transcrição em língua portuguesa passou por validação por amostra, afirmando nosso compromisso ético com os estudantes participantes.

O terceiro capítulo, é destinado para os relatos dos estudantes e nossa análise de dados cotejada com a literatura da área. Os estudantes apresentaram entusiasmo em lembrar de suas trajetórias educacionais, discutir sobre o ingresso no ensino superior e refletir sobre o futuro. Logo após, tecemos as considerações finais, que nos ajudou a concluir que a educação de surdos tem apresentado mudanças nas atitudes e discurso quanto à inclusão educacional e social. Estamos frente a discutir formas de educar que valorizem a diversidade humana, respeitando a individualidade de cada pessoa. Também nos ajudou a pensar nas dimensões dos marcadores sociais que os estudantes desenvolveram, o que influenciou diretamente seus ingressos no ensino superior e contribui para a aquisição dos conceitos acadêmicos.

A pesquisa identificou o desenvolvimento de um novo tipo de sujeito surdo, embora os estudantes tenham enfrentado barreiras ao longo de seu contexto educacional, e reflitam de maneira crítica seus processos educacionais, apresentando grande desejo de transformação social e suas perspectivas de vida. Aos poucos, constroem uma consciência crítica sobre seus futuros quando concluírem a graduação, bem como se convencem que serão os primeiros em muitos sentidos, os primeiros surdos da UFRRJ, e futuramente os primeiros profissionais em suas áreas. A pesquisa também apontou para a importância dos suportes e mudança de atitude na sociedade e na universidade. Os suportes pedagógicos ofertados pelo NAI, são essenciais para o acompanhamento e desenvolvimento dos estudantes no ensino superior, por isso, surge como demanda o investimento em formação continuada para os atores que atuam juntos aos estudantes.

Nesse sentido, a criação de sinais, ou seja, vocabulários em língua de sinais têm sido constante juntamente com o domínio do português escrito necessário para a inclusão social. Finalizamos reforçando a necessidade de criação e implementação de políticas públicas e o movimento político necessário para garantir e consolidar o ensino de surdos. Cabe à sociedade como um todo, compreender que ausência de comunicação em uma língua sinalizada ou escrita, interfere drasticamente no desenvolvimento humano, visto que a comunicação nos possibilita desenvolver o pensamento, a identidade e a autonomia (KELMAN, 2024).

Por fim, apresentamos nossas considerações finais e perspectivas futuras, assim como os desafios enfrentados para o desenvolvimento desta dissertação.

1. O QUE DIZ A LITERATURA SOBRE LETRAMENTO DE SURDOS NO ENSINO SUPERIOR?

O objetivo deste capítulo é analisar e debater a literatura quanto ao letramento e a inclusão de surdos no ensino superior, por meio de levantamento de dados nas bases CAPES e Scielo, juntamente com os autores da área. Apresentamos as discussões em torno do ingresso de estudantes no ensino superior, ao longo da construção do capítulo. Esbarramos com a dificuldade de material a respeito deste nível de ensino, já que muitas pesquisas se debruçam para analisar o desenvolvimento da leitura e escrita na educação básica.

Os debates sobre a educação de estudantes surdos se intensificaram, principalmente, a partir da Lei de Libras que reconhece o direito de instrução e comunicação de pessoas surdas no Brasil (BRASIL, 2002). Desde então, a luta por espaços educacionais que valorizem a identidade, cultura e língua da comunidade surda se fez presente, e ao longo de um pouco mais de 20 anos, projetos de educação bilíngue foram aprovados e implementados no território nacional. Entre os avanços estão a formação de professores, formação de tradutores-intérpretes de Libras, a conquista de vagas em instituições públicas federais e recentemente, no âmbito da educação básica, a criação de escolas e classes bilíngues de surdos (BRASIL, 2005; 2012; 2015; 2021).

Ao pensarmos a educação de surdos, precisamos estar atentos para a relação social, cultural e educacional posta aos sujeitos surdos, e por isso é necessário refletir sobre a concepção teórica da área. A educação de surdos, é proposta como modalidade educacional para sujeitos que têm perda auditiva, que se comunicam e constroem sua identidade por meio da língua brasileira de sinais. Pessoas com perda auditiva, que não se comunicam em língua de sinais e tão pouco participam das produções sociais e culturais da comunidade, são consideradas deficientes auditivos, como podemos ver no documento Referenciais de Acessibilidade na Educação Superior e a Avaliação *in loco* do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior — SINAES:

Até 2003, a coleta agrupava em uma mesma categoria todos os estudantes surdos e com deficiências auditivas. A partir de 2004, passou a dividir a categoria de “Deficiência Auditiva” em dois subconjuntos: “Surdez”, para indicar estudantes que utilizavam Língua de Sinais (surdez severa/profunda) e “Deficiência Auditiva” (surdez leve/moderada), para indicar estudantes que, por ouvirem um pouco, utilizavam, mesmo que precariamente, a modalidade oral da Língua Portuguesa (BRASIL, 2013, p. 22).

Como podemos ver em Kelman (2015, p.51): “o tema da surdez é hoje abordado como uma manifestação de uma particularidade cultural dentro de um contexto multicultural”. O multiculturalismo apresentado pela autora, nos leva a discutir sobre as diversas identidades e

culturas individuais, dos surdos, que se inter-relacionam com a cultura coletiva de uma sociedade majoritária ouvinte, com produções orais e escrita em língua portuguesa. Nosso trabalho debate justamente a constituição desse público, contudo, apresentamos a proposta da educação inclusiva, por acreditar na interação com a diversidade humana primordial para melhor desempenho cognitivo e desenvolvimento humano. O campo educacional apresenta ideologias e defesas políticas, e com a educação de surdos não é diferente, historicamente a comunidade foi perseguida e excluída de participação social, por isso, é compreensível que em uma sociedade de direitos, os direitos linguísticos e culturais sejam reivindicados (CAMPELLO; REZENDE, 2015).

A perspectiva clínica-terapêutica influenciou na defesa do ser surdo, desde o Congresso de Milão em 1880, onde se decidiu pelo método oral como instrumento de ensino de língua, a comunidade surda apresenta resistência quanto a qualquer tipo de medicalização, o que poderia gerar perda de identidade e apagamento da cultura da comunidade. Considerando a língua um dos marcadores social/cultural, e a língua de sinais ser reconhecida, no Brasil, apenas no início do século XXI, a comunidade surda pleiteia o *status* de sua língua em território nacional. Esbarramos, logo, em pesquisas acadêmicas que debatem principalmente sobre os direitos linguísticos da comunidade surda, método de ensino de língua de sinais como primeira língua e língua portuguesa escrita como segunda língua.

As pesquisas no campo linguístico têm atravessado a trajetória da educação de surdos, por isso, há a necessidade de pensarmos os sujeitos para além da língua de sinais, entendemos e reconhecemos as reivindicações da comunidade. Contudo, enquanto se debate a criação de escolas bilíngues as propostas de valorização da Libras, e a defesa de ensino por meio dela, estudantes surdos continuam a chegar nas escolas regulares, e quando a concluem, ingressam no ensino superior, e justamente nosso interesse é promover a reflexão e debate a partir desse nível de ensino. Os dados sobre os estudantes surdos no ensino superior são pouco evidentes, segundo Rocha e Santos (2021) sobre as instituições federais de ensino, apenas 2.776 das matrículas “são de estudantes surdos ou com deficiência auditiva representando 0,22%”, em contrapartida quando retornamos ao ano de 2005, esbarramos com os dados de Quadros (2014) que aponta sobre a criação do curso de letras-libras EaD na Universidade Federal de Santa Catarina — UFSC, no qual 90% das matrículas eram de estudantes surdos.

A comparação entre os autores é importante para analisarmos o baixo ingresso de estudantes surdos no ensino superior, e em sua maioria em cursos que apresentam estrutura bilíngue, como o caso do letras-libras, mencionado anteriormente. Estamos frente aos

questionamentos da procura dos cursos de graduação, como a comunidade surda tem atuado para incentivar que os estudantes surdos escolham cursos diferentes das áreas da linguística e da educação. Não é possível desvendarmos o porquê os estudantes preferem tais cursos de licenciatura, mas se pudéssemos sugerir uma resposta, talvez tenha a ver com a ausência de conhecimento sobre os reais direitos de ingresso no ensino superior, acrescido do estímulo da cultura surda para que estudantes surdos valorizem sua identidade e cultura, e sejam modelo para seus pares quando futuros professores.

1.1 O que diz a literatura sobre o letramento?

Apresentamos os resultados do levantamento, realizado em base de dados (repositórios). Foram consultados o repositório da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior — CAPES e da *Scientific Electronic Library Online* — SciELO, no período de 2013–2023. Optamos por analisar os estudos de 2013 a 2023, visto que houve crescente aumento de ingresso no ensino superior com a Lei 12.711/12 que dispõe sobre a reserva de vagas na graduação das universidades federais (BRASIL, 2012) e a educação bilíngue como modalidade na Lei Brasileira de Inclusão (BRASIL, 2015) e mais recentemente reforçadas como modalidade na educação básica (BRASIL, 2021). Propomos problematizar os modelos bilíngues existentes atualmente, usando como base os estudos de Goés (2012), que debate o aprendizado de estudantes surdos para além do ensino de língua e dialoga com os estudos de Vigotski (2008) sobre linguagem.

Como critério de inclusão para análise optamos por trabalhos que debatem o desenvolvimento de estudantes surdos, o processo de inclusão educacional, a aquisição de linguagem na perspectiva histórico-cultural e o letramento no ensino superior. Como critério de exclusão, os trabalhos que focalizam em métodos do ensino de língua portuguesa escrita e/ou ensino de Libras.

Ao longo da pesquisa houveram algumas alterações quanto a sistematização dos dados, o primeiro levantamento bibliográfico nos repositórios se deu com o propósito de analisar como a literatura tem debatido a aprendizagem e o desenvolvimento de estudantes surdos. Para isso, analisamos pesquisas cuja temática era linguagem e não o letramento em si, por isso, o quadro a seguir sistematiza nossos achados iniciais, e em seguida os achados quanto ao letramento. Foram analisados os resumos dos trabalhos das duas últimas categorias do gráfico de forma a delimitar a quantidade de trabalhos, objetivando encontrar as “ideias principais” e “identificar as conclusões e as bases que as sustentam” (LAKATOS, 1992, p. 27).

Para isso, utilizamos palavras-chave dos principais temas relacionados a nossa pesquisa, partindo da hipótese que a literatura da educação bilíngue de surdos, no Brasil, se debruça principalmente ao ensino de português escrito como L2, e/ou o ensino da Língua Brasileira de Sinais — Libras. Com o propósito de otimizar a pesquisa, optamos por analisar não somente os títulos, mas também os resumos dos trabalhos encontrados sobre educação de surdos, o ensino superior, a linguagem e a inclusão, e acrescentamos o termo letramento. O quadro a seguir, sistematiza os achados da nossa investigação.

Quadro 1 – Quadro com resultados sobre linguagem e letramento

Título de busca	Repositório CAPES	SciELO
Educação de surdos	1.217	171
Educação de surdos, linguagem	107	29
Educação de surdos, inclusão	276	47
Educação de surdos, ensino superior	70	16
Educação de surdos, linguagem, inclusão, ensino superior	2	1
Letramento	9.000	423
Letramento, bilíngue	43	8
Letramento, bilíngue, surdos	30	5
Letramento bilíngue, surdos, ensino superior	6	1

Fonte: Elaborado para fins desta dissertação

Durante a pesquisa, ficou evidente que os dados abordam outros tipos de deficiência e não apenas sobre a surdez. Por isso, foi necessário identificar não apenas no título dos trabalhos, mas também em seus resumos como apresentavam a discussão para incluirmos ou não em nossa análise.

Com o quadro, foi possível identificar que os trabalhos se debruçam a reivindicar o direito de pessoas surdas às escolas e classes bilíngues, bem como apresentar as dificuldades linguísticas, apresentando os métodos de ensino de língua portuguesa escrita (LPE), e o desejo para a valorização da comunidade surda, bem como o papel da Libras como mediadora para atribuição de significados de LP.

As pesquisas relacionadas ao ensino superior, apontam para questões como a ausência de sinais em Libras para termos em LPE, que dificultam a compreensão plena de determinados conceitos, também apresentam o desconhecimento dos docentes, sobre a surdez,

como uma barreira para o desenvolvimento educacional. Todavia, os trabalhos apresentam a aquisição das línguas como sendo o principal dificultador da aprendizagem, algumas pesquisas propõem testes de vocabulários evidenciando que a preocupação está no domínio de LPE, apontando pouco para a diversidade humana dos sujeitos.

Os debates sobre letramento, apontaram para 6 trabalhos que possivelmente debatem sobre nosso tema, entretanto, apenas analisando os títulos encontramos apenas um que debate sobre o letramento de surdos no ensino superior. Analisamos 2 trabalhos que apresentam debates importantes para o letramento bilíngue de estudantes surdos universitários, e discutem o processo de inclusão e acessibilidade linguística. Apresenta a dificuldade de discutir apoio educacional frente a realidade dos estudantes da classe trabalhadora, o que impediria sua participação em classes do Atendimento Educacional Especializado (AEE), sendo necessário desenvolver estratégias no mesmo horário e turno de matrícula, e atividades em sala de aula com os estudantes.

Apresentam também a dificuldade de correlação com os termos científicos em português e em libras, apontando para a necessidade de envolvimento dos estudantes surdos, professores e intérpretes de libras, visto que se trata de um processo que necessita da interação e colaboração dos envolvidos nesse processo. Contudo, o trabalho foge um pouco dos objetivos que propomos analisar em nossa pesquisa, quando discute sobre aspectos das políticas linguísticas que a comunidade surda defende, como já citado, não pretendemos discutir a dimensão linguística em nosso trabalho e sim os caminhos que estudantes surdos percorrem para aquisição e uso da leitura e escrita.

A acessibilidade comunicacional é apresentada como possível obstáculo para o desenvolvimento de estudantes surdos, quando se trata de salas inclusivas, os estudantes usuários de libras são minoria, o que implica em seu contato se dar principalmente com os intérpretes limitando-se ao espaço de sala de aula. Também encontramos a mesma preocupação que os primeiros achados que se referem a presença dos intérpretes, a necessidade de contato visual e a ausência de sinais específicos da área, o que prejudica a compreensão de determinados conceitos. Encontramos nos trabalhos analisados críticas quanto ao sistema de educação inclusiva, sugerindo que os intérpretes da língua de sinais facilitam o processo educacional, mas não garantem a construção de novos conceitos, essa crítica se estende para a política nacional de educação especial na perspectiva inclusiva, que assegura aos estudantes o AEE e a presença dos intérpretes, apontando para não eficácia dessa estrutura (FERNANDES; MOREIRA, 2017).

Importante salientar, que o ensino superior que investigamos requer estratégias que não o acesso aos serviços do AEE, nos levando a refletir sobre como os estudantes surdos se desenvolvem baseando-se em suas experiências sociais e culturais. A postura adotada pelas instituições de ensino superior, também se torna de suma importância, pois a partir da cultura institucional, esses estudantes podem, ou não, serem beneficiados pelo processo inclusivo. Para a consolidação da prática inclusiva, precisamos pensar para além da presença dos tradutores-intérpretes de Libras, é necessário amplo debate para a formação continuada de professores, bem como estimular a valorização e respeito às diferenças culturais dos educandos.

O contexto do ensino superior carrega diversos desafios, entre eles a necessidade de discutir o letramento bilíngue dos surdos, uma vez que há defasagem da educação básica quanto ao português escrito. A este respeito, a pesquisa sugere que tem se debatido pouco as questões que permeiam a educação de surdos de forma integral. O foco de grande parte dos estudos tem sido analisar os problemas relacionados ao aprendizado de língua portuguesa escrita na educação básica e pouco se discute a realidade dos estudantes surdos na educação superior. Contudo, pesquisadores da área já propõem que existem métodos suficientes para o ensino da língua, mas as práticas educacionais são quase inexistentes (CASTRO; KELMAN, 2022).

Outra característica perceptível, é a ausência de debate sobre o multiculturalismo na educação de surdos e a necessidade de estratégias diversas para o que temos denominado de letramento bilíngue na Educação Superior. Nosso objetivo não é questionar a cultura da comunidade surda, tampouco a especificidade linguística, pois compreendemos a importância da Libras e seu papel no contexto educacional. No entanto, propomos refletir sobre a diversidade humana e as diversas dimensões que envolvem o desenvolvimento da linguagem e do bilinguismo com apropriação conceitual de significado e sentido para os sujeitos.

Certamente, entendendo que os sujeitos surdos não agem e aprendem de forma homogênea, o que reforça nossa defesa em prol de uma educação bilíngue que considere a diversidade dos estudantes surdos e as formas variadas de apropriação do conhecimento historicamente reproduzido. Desta forma, sugerimos que para além das práticas e métodos de ensino das línguas, precisamos debater e refletir sobre o real sentido da educação, propondo modos que visem o desenvolvimento pleno do sujeito e que para isso apenas métodos não são suficientes para atender a heterogeneidade existente entre pessoas surdas. Aqui, uma das

possibilidades parece ser o bilinguismo cultural defendido a partir dos estudos de Senna (2021).

As pesquisas analisadas apresentam tendência em assegurar os estudantes surdos a acessibilidade linguística em Libras em todos os espaços possíveis, nosso debate, ao se aproximar dos estudos de Vigotski (2021) se preocupa com a ausência do estímulo ao uso da leitura e escrita do português. O uso da língua de sinais é um direito da comunidade surda (BRASIL, 2002), mas por se tratar de sujeitos bilíngues e com um desafio de aprender uma língua oral-auditiva na modalidade escrita, como profissionais da educação, precisamos pensar em como desafiá-los para o português escrito. Nossa preocupação em relação ao uso demasiado da Libras, é que provoque nos estudantes a ausência da segunda língua, uma vez que não serão expostos ao contexto social e cultural da escrita. Um espaço bilíngue, deve privilegiar ambas as línguas no contexto de aprendizado, no ensino superior a Libras deve estar presente, mas sem diminuir a importância do português escrito. O aprendizado do português escrito, permite que os surdos se apropriem de conceitos e significados, muitos ainda não existentes na língua de sinais. Além do mais, a escrita permite aos surdos o exercício da cidadania em um contexto social onde em sua grande maioria o português é a língua privilegiada.

1.2 Discussão sobre o letramento bilíngue de surdos

O conceito de letramento no Brasil aparece, principalmente, a partir dos estudos de Soares (1998), quando propõe o uso da escrita e leitura de forma social. A discussão surge, a fim de elucidar a diferença entre a alfabetização que consiste no conhecimento dos códigos linguísticos, como as letras do alfabeto, números, pontuação gráfica e outros, enquanto o letramento é o uso de todos esses com sentido para o emissor e receptor da mensagem. Discutir o letramento na educação, e sobretudo, na educação de surdos é importante pois:

Envolver-se nas práticas sociais de leitura e escrita – têm consequências sobre o indivíduo e altera seu *estado* ou *condição* em aspectos sociais, psíquicos, culturais, políticos, cognitivos, linguísticos e até mesmo econômico; do ponto de vista social, a introdução da escrita em um grupo até então ágrafo tem sobre esse grupo efeito de natureza social, cultural, política, econômica e linguística (SOARES, 1998, p. 18).

Assim, ao falar de letramento na educação de surdos, não nos referimos a capacidade de saber ler ou escrever, mas se conseguem fazer uso dos diversos gêneros escritos, compreender as informações contidas neles e aplicar as mesmas em sua vida social. Refletir sobre a alfabetização, quando nos referimos à educação bilíngue, é importante, pois os estudantes podem conhecer o alfabeto, mas não necessariamente compreender o texto escrito. Logo, não estamos falando de analfabetismo que se refere a quem não conhece os códigos e

por isso não sabe ler e escrever, a discussão sobre o letramento diz respeito ao conhecimento quanto aos códigos e seu uso social.

Por isso, nossa preocupação não se resume apenas em ensinar os estudantes surdos a ler e escrever, mas também que se envolvam com o uso social da leitura e da escrita. Entendendo a importância “social, cultural e econômica” (SOARES, 1998, p. 58), a reflexão para o letramento bilíngue de surdos precisa de muita atenção, pois segundo Góes (2012) os estudantes surdos após passarem pela escolarização continuam a apresentar dificuldade com o uso da escrita. As condições educacionais ofertadas para os estudantes surdos, apresentam barreiras e um ambiente que estimula pouco o contato com a escrita e leitura, e dependendo das condições sociais as experiências podem ser mais ou menos valorizadas.

O letramento de estudantes surdos passa por muitas questões, entre elas o espaço escolar que exige que transitem entre as práticas discursivas em língua de sinais e o português oral, o que implica na necessidade do conhecimento de ambas e o desenvolvimento bimodal de comunicação. A interação com o mundo ouvinte é inevitável, e por isso, torna-se necessário pensar a aprendizagem linguística associada ao desenvolvimento intercultural, dessa forma pensaríamos no ensino de língua como cultura (DUTRA; FERREIRA, 2024). Nesta perspectiva, esbarramos com a problemática, pois se os estudantes surdos não forem expostos de forma adequada a língua portuguesa escrita, ou seja, a língua de sinais estiver sempre presente em seu contexto educacional e social, sua capacidade de compreensão e uso da leitura e escrita será empobrecida. Isso reforça a convivência com a diversidade humana, como já indicavam os estudos de Vigotski (2021) nas décadas iniciais do século passado. A este respeito, Kassar (2024) aponta que a interação social e cultural torna-se um ganho para todo o desenvolvimento humano. Outra questão que tem sido debatida, no âmbito do ObEE, é que com essa interação não apenas os surdos podem ser incluídos, mas também possibilita que os ouvintes sejam inseridos no contexto da língua de sinais.

A significação de conceitos no português escrito, vai além do uso de um sinal ou de imagens, pois se um único sinal é capaz de transmitir muitas palavras em português, os surdos terão dificuldade de estabelecer relação entre o sinal e a palavra. Além disso, quando for necessário realizar a representação simbólica para desenvolver um novo conceito, a palavra terá papel fundamental nesse processo, segundo Góes (2012):

Ele forma-se na relação com a palavra. Esta, ao permear a vivência com o objeto, ou ao estabelecer enlaces com outras palavras, permite recortar as coisas do mundo, abstrair e generalizar suas propriedades, ou seja, implica um processo de significar e não de representar algo já significado (p.36).

Pensar em um ambiente que agregue para a construção de significados, bem como estimular uma cultura de letramento bilíngue para surdos, implica analisar com cuidado o que vem sendo defendido para a educação desses estudantes. A educação inclusiva, apresenta lacunas que prejudicam o desenvolvimento da cultura e identidade dos surdos. Contudo a interação em classes especiais diminui a capacidade de interlocução com os pares ouvintes e pode prejudicar na concepção de conceitos presentes no cotidiano da língua portuguesa. Ao pensarmos na cultura bilíngue para surdos, envolve pensar práticas educacionais significativas em ambas as línguas, estimulando a identidade surda, mas sem ignorar a sua participação em uma sociedade majoritariamente usuária do português oral e escrito.

Nessa direção, é importante discutir aspectos da política de educação inclusiva (BRASIL, 2015), pois entendemos que o desenvolvimento humano se dá na heterogeneidade e não na homogeneidade. No caso de estudantes surdos, Campello e Rezende (2014) apontam que as escolas inclusivas causam uma forma de apagamento da identidade surda, de sua cultura e suas produções culturais. Argumentam que o modelo de educação inclusiva causa segregação e atraso no desenvolvimento dos educandos, isso porque os estudantes ficam em sala com estudantes ouvintes, que interagem entre si e excluem os surdos por não falarem a mesma língua, e defendem que não é realizado um trabalho específico pensado para o desenvolvimento linguístico.

A inclusão de surdos como está posta, de fato não promove um espaço de desenvolvimento igualitário com os demais alunos, contudo a criação de escolas e classes específicas para surdos, também não se apresenta como melhor estratégia para o processo de aprendizagem e desenvolvimento. Os estudantes surdos, em relação aos ouvintes, muitas vezes estão em desvantagem quanto a aquisição de uma língua capaz de organizar seu pensamento e comunicá-lo, entretanto, pensando em uma cultura bilíngue em que o português e a Libras estejam presentes o contato entre ouvintes e surdos é de suma importância. Se o aprendizado da Libras se dá tardiamente, em alguns casos, por conta de a família ser ouvinte e desconhecer as especificidades dos surdos (LACERDA; SANTOS, 2014), quando os estudantes não são expostos a cultura linguística do português tendem igualmente a ter seu repertório de leitura e escrita “limitado” (KELMAN *et al*, 2024).

Diante disso, propomos a reflexão da importância da interação com pares ouvintes para o melhor desenvolvimento e, consequentemente, atingir nosso objetivo quanto ao letramento bilíngue de surdos. Nesse sentido, também pensamos na oferta de suportes como possibilidade de garantir a aprendizagem dos estudantes. Segundo Pletsch *et al* (2023), a

reestruturação do currículo, bem como a análise cuidadosa das outras dimensões da acessibilidade, contribui para a participação dos estudantes nas atividades educacionais. Neste caso, também nos referimos a possibilidade de ensino de Libras como L2 para os estudantes ouvintes.

Os estudantes surdos têm ingressado no ensino superior com defasagens significativas quanto ao uso da leitura e escrita, e isso se deve também ao acesso que tiveram na educação básica. O que podemos perceber é que tanto a escola comum, quanto as escolas especiais possuem fragilidades no ensino de surdos, por não entenderem o seu papel social, o que Vigotski (2021) aponta como um problema educacional. A ausência de exposição à prática de leitura e escrita tem exigido que os surdos no ensino superior ressignifiquem suas experiências anteriores, visto que não há, no Brasil, instituições de ensino superior específicas para surdos.

O desafio que surge, então, é criar uma cultura no ensino superior que atenda as especificidades dos estudantes surdos. Neste sentido, tanto a perspectiva histórico-cultural, quanto a ideia de bilinguismo cultural (SENNA, 2021) sustentam nossos estudos. A interação dos estudantes surdos em sala de aula, tanto com seus colegas, quanto com os professores e intérpretes, são exemplos de como a interação social contribui para a apropriação de conceitos e a aquisição de novos. Com o intérprete de Libras, os estudantes têm contato com sua língua de instrução, mas com os professores e colegas ouvintes, os estudantes entram em contato com a cultura da língua portuguesa e com novos conceitos, mas se estes estiverem isolados, esse processo de estágio do desconhecido para o conhecido não ocorre.

Sendo assim, ao realizar nossa pesquisa, nos debruçamos em investigar como o processo de aprendizagem e desenvolvimento integral do letramento dos estudantes surdos ocorre, objetivando debater que para tal é necessário a interação com o meio e com o outro. O problema do domínio da estrutura gramatical da língua portuguesa, bem como o acesso a língua de sinais, já está posto, o que precisa ser discutido é como a inclusão nos espaços educacionais pode, e deve, contribuir para que estudantes surdos se apropriem e façam uso do texto escrito a partir do letramento bilíngue.

Lodi; Harrison e Campos (2015), apontam que a principal preocupação dos professores surdos é o uso da Libras na formação dos estudantes, não fazendo menção ao uso da linguagem escrita. Neste aspecto, o discurso em Libras não terá relação com o processo de escrita em português, o que dificulta a interação social do sujeito surdo que, diferentemente das populações indígenas, que vivem em aldeias, estão imersos na sociedade. Novamente, não nos referimos às regras gramaticais estruturadas no currículo escolar, mas sim na imersão à

linguagem escrita, a qual permite acesso a uma sociedade com cultura e história, em que os surdos estão inseridos.

A este respeito Quadros (2015), aponta que a dificuldade dos surdos aprenderem o português escrito, está ligada a história de proibição no uso da Libras, pois a comunidade olha para o português como “a língua melhor, a língua oficial, a língua superior”. Realmente, o português é a língua oficial, no Brasil, e justamente por isso é importante que os surdos o aprendam, logo o contato com a língua, cultura e política precisa ser constante. A autora expõe que existe um “clamor” pelo respeito à cultura e regras da comunidade, também aponta o uso da leitura e escrita de sinais como possível estratégia para aquisição também do português, bem como a estrutura de um currículo escolar bilíngue na Libras. O que nos preocupa, é a influência econômica, social e política, que Soares (1998) aponta quanto ao processo de letramento. Parece contraditório que a defesa do ensino apenas em língua de sinais e uma educação “multilíngue e multicultural”, quando nas reivindicações apenas a língua de sinais e a cultura surda seja defendida, sem haver reflexões sobre a cultura da língua portuguesa.

Ao discutirmos bilinguismo, é necessário refletir sobre qual perspectiva falamos, por isso, nos aproximamos da reflexão de Senna (2021) sobre o direito subjetivo do indivíduo, e o papel do Estado em assegurar “comunicação oficial e todo tipo de informação em espaços públicos [...] nas línguas reconhecidas” (p.27). No Brasil, embora a Libras seja aceita como meio oficial de comunicação e haja o reconhecimento das línguas indígenas, o Estado continua com práticas de monolíngues nos espaços oficiais.

Partimos da ideia que pessoas surdas são pertencentes a culturas distintas na sociedade, ou seja, ao terem contato com a língua de sinais, desenvolvem a identidade de sujeito surdo, e em seu processo educacional, são expostos a prática da língua fala e escrita do português. Nossa defesa, não é que os estudantes surdos dominem perfeitamente a estrutura gramatical da língua portuguesa, o que seria ideal, no entanto, reconhecemos as barreiras historicamente impostas que impedem esse desenvolvimento. Nos preocupamos em ofertar uma educação que valorize as individualidades, entendendo que o contato com a cultura escrita favorece seu desenvolvimento subjetivo e acadêmico.

Segundo Araújo (2021), quando pensamos em bilinguismo, somos direcionados a pensar na proficiência da língua e ignoramos as influências não linguísticas de aquisição e uso de uma segunda língua. Para a autora o conceito de bilinguismo:

É multidimensional, pois varia ao longo de uma série de dimensões psicológicas e sociológicas, tais como: competência relativa; organização cognitiva; idade de aquisição; presença de falantes no ambiente social; status das línguas; e identidade cultural (p. 38).

Essas influências podem ser melhor entendidas, a partir de 6 categorias; a competência relativa; organização cognitiva; idade de aquisição (se o aprendizado foi simultâneo ou precoce na primeira infância, ou após o período linguístico); presença de falantes no ambiente social; status sociocultural e identidade cultural. Como podemos ver a seguir:

Quadro 2 – Dimensões do bilinguismo

Competência relativa:	Compreende bem as duas línguas, mesmo que a fluência seja maior na língua materna.
Organização cognitiva:	Nesta classificação, podemos ter a mesma equivalência para signos diferentes, ou signos distintos para significados distintos. A este último podemos associar a necessidade de tradução.
Idade de aquisição:	Bilinguismo precoce: desenvolve duas línguas na fase de aquisição de linguagem; Bilinguismo consecutivo: aprendizado da segunda língua após o período de aquisição de linguagem.
Presença de falantes no ambiente social:	Participação em contextos de ambas as línguas, neste caso podemos ter dois tipos de bilinguismo: Endógeno: língua materna; Exógeno: língua oficial.
Status sociocultural:	A valorização de ambas as línguas, facilitando assim “maior flexibilidade cognitiva”.
Identidade cultural:	O sujeito pode se identificar com ambas as línguas, se tornando bicultural e ser reconhecido por ambas as culturas, ou identificar-se apenas com um grupo cultural, tornando-se parte de uma monocultura.

Fonte: Elaboração própria com base em Araújo (2021).

A depender da exposição à segunda língua e a capacidade de compreensão dos significados, o indivíduo poderá ser considerado bilíngue. Quando nos referimos ao contexto educacional bilíngue, é necessário defender que as línguas sejam igualmente valorizadas, para isso precisamos reduzir as barreiras comunicacionais por meio do “aprendizado da língua oficial na modalidade escrita” (p. 46).

As regras da gramática da língua portuguesa, têm causado fracasso escolar, já que muitas vezes se espera um padrão de escrita que as obedeça. Para Senna (2021), a própria escrita é uma manifestação do bilinguismo cultural, e durante o processo de aprendizagem, precisamos refletir sobre as singularidades dos estudantes. Dentre essas especificidades estão

os “comprometimentos bloqueadores prévios, derivados de experiências frustradas de aproximação ao conhecimento social”. Desta forma partiremos do entendimento que somos parte de uma cultura, nossa construção não se dá isolada, logo, toda nossa construção psíquica é formada culturalmente, sendo essa influência mais significativa que nossa construção biológica (ATTY, 2021).

Ao defendermos a urgente necessidade da apropriação na modalidade escrita do português, por estudantes surdos, propomos a reflexão sobre a diversidade e sobre o princípio comunicativo da língua. Para alcançarmos tais objetivos, é preciso ter em mente o real objetivo da educação que é emancipar os sujeitos, não dizendo o que é certo ou errado, e sim estimulando autonomia para que alcancem a compreensão e desenvolvimento no texto escrito. Logo, percebemos que o contato sociocultural da escrita, a imersão e exposição na língua é extremamente importante para o desenvolvimento dos estudantes surdos.

1.3 O bilinguismo no processo de apropriação conceitual de sujeitos surdos

Nos debruçamos a pesquisar sobre os estudantes surdos, para analisarmos o isolamento linguístico e cultural que apresenta consequências para a inserção na sociedade. Quando pensamos em estudantes no ensino superior, a ausência de desenvolvimento de linguagem escrita, e em alguns casos, também, na língua de sinais, interfere no desenvolvimento e apropriação de conceitos necessários para a formação acadêmica. O debate que propomos, bem como a análise a partir das entrevistas coletadas, são fundamentadas pelas pesquisas sobre a surdez enquanto deficiência, reconhecendo este marcador da diferença como traço da diversidade humana necessário para entender as relações presentes na sociedade.

A ideia de deficiência, culturalmente, não é proposta para a comunidade surda. Nas pesquisas encontramos sempre reflexões quanto ao direito linguístico, no entanto, quando ignoramos este marcador social, estamos minimizando a experiência de ser surdo apenas a necessidade do uso da língua de sinais. Ignorar todos os outros marcadores das características humanas é um erro, nos parece que defendem que apenas a língua de sinais e o contato com a comunidade surda é suficiente para o desenvolvimento humano da pessoa surda. Cada experiência de ser surdo é única. Ser surdo no Sul do Brasil é totalmente diferente de ser surdo no Norte, ser surdo na região urbana é diferente de ser surdo na zona rural, e a localidade também tende a acentuar ou minimizar o acesso da população às políticas públicas. Para Vigotski (2021), a criação de contextos pensados para a deficiência, como no caso da surdez o isolamento linguístico, acabam por criar “um mundinho isolado e fechado [...],

acomodado e adaptado ao defeito da criança, sem introduzi-la na vida autêntica. [...] costuma desenvolver nela hábitos que a conduzem a um isolamento maior, acentuando sua separação” (p. 28).

Na época da obra citada anteriormente, o autor já alertava para o perigo de se acreditar que criar compensação para o defeito biológico era suficiente para o desenvolvimento das crianças, como fazem com a língua de sinais atualmente. Ao ignorar o contato social e as experiências individuais do sujeito, acabamos escondendo sua constituição subjetiva, o que os fazem ser deficientes não é o fato de não ouvir e sim a construção psíquica a partir de suas experiências com as barreiras impostas socialmente. No que tange às barreiras sociais, o autor reconhece que o ensino da oralidade para crianças surdas apresentava resultados “lamentáveis”, e que mesmo com a proibição da língua de sinais nas escolas, o uso dela é quase impossível combater. Por isso defendemos que a Libras ocupa papel importante no processo de aprendizagem dos estudantes surdos, e é a partir dela que desejamos aprofundar nosso debate. Conversando com os estudos de Góes (2021), compreendemos então que:

Os problemas tradicionalmente apontados como característicos da pessoa surda são produzidos por condições sociais. Não há limitações cognitivas ou afetivas inerentes a surdez, tudo depende das possibilidades oferecidas pelo grupo social para seu desenvolvimento, em especial para a consolidação da linguagem (p. 43).

No processo educacional dos estudantes surdos, ocorre o atraso da associação da expressão verbal com o material concreto, embora para atribuir significados a conceitos não necessariamente precisamos de tal expressão, como podemos ver nos estudos de aquisição de linguagem de Vigotski (2008), e, apenas o material concreto não se torna suficiente para a elaboração de novos conceitos, na verdade é necessário que os estudantes sejam expostos a desafios. Como podemos ver, “a memorização de palavras e a sua associação com objetos não leva, por si só, à formação de conceitos; para que o processo se inicie, deve surgir um problema que só pode ser resolvido pela formação de novos conceitos” (p. 157).

A partir das condições sociais dos estudantes, pretendemos explorar como sua constituição humana interfere em seu processo de significação de conceitos em seus respectivos cursos. A partir de observação em seminários internos de avaliação³, foi possível aproximarmos das estratégias criadas para que estudantes surdos aprendessem determinado conceito, o exemplo a seguir trata-se do relato de tutores de conteúdo para uma estudante do curso de Engenharia Florestal. O tutor relatou que houve confusão quanto ao termo biofilme⁴,

³ Arquivo pessoal.

⁴ Comunidade de microrganismo.

a estudante relacionou com a espécie animal boi, este exemplo nos ajuda a refletir sobre o papel da linguagem dos surdos. Assim, conseguimos refletir melhor sobre a relação de linguagem e letramento, ou seja, a formação social da mente e a apropriação do código escrito.

O fato é que a elaboração conceitual sempre irá recorrer a função comunicativa, a apropriação, para entender determinado conceito, até mesmo para resolver algum problema. No relato anterior, percebemos que a estudante tentou realizar alguma associação com a palavra, certamente não houve apropriação conceitual do prefixo “bio”, utilizado para referenciar a palavra vida. No conhecimento da estudante, a referência à organização das letras b, i e o, a fez referenciar a palavra boi. Assim, observamos que precisamos analisar para além do conceito, neste caso, a “experiência” e “o grau de desenvolvimento verbal” (VIGOTSKI, 2008, p. 152).

O método de análise de conceitos, precisa muitas vezes dissociar o uso da palavra⁵, do objeto concreto. A título de exemplo com estudantes surdos, no primeiro dia de contato entre intérprete de Libras e o estudante surdo ocorreu o seguinte diálogo, em língua de sinais para isso utilizaremos a estrutura gramatical dela:

TILS: CASA LUGAR QUAL?

Estudante: CASA AZUL.

O TILS sem compreender e conhecer o sinal, que seria indicativo do bairro onde o estudante morava, perguntou aos colegas ouvintes que responderam o nome. Ao descobrir o TILS perguntou o porquê o estudante utilizou o sinal para a cor azul, então seus colegas responderam que azul se referia a cor do ônibus que o estudante tomava para sua casa. Esbarramos nesse exemplo com a internalização conceitual de onde o estudante residia, a partir disso, é perceptível que o estudante conceituou que para chegar até sua casa, tomar o ônibus da cor azul é necessário, a relação com o material concreto foi importante para sua organização psíquica. A produção conceitual é um processo complexo, a ligação da palavra com o objeto, por exemplo, a palavra ônibus, nem sempre dá conta de comunicar o que se deseja.

No processo de comunicação, podemos usar de diversas palavras para expressar o que sentimos e pensamos, contudo, para que ocorra uma comunicação de fato, é necessário que quem está recebendo a informação também conheça o contexto em que estamos

⁵ Aqui usamos palavras como sinônimo de expressão verbal, seja em Língua de Sinais e/ou português escrito.

referenciando. Quando o contexto não é conhecido, a comunicação não é eficaz, apontando para a necessidade de generalização. O estudante não estava errado em sua organização conceitual, na verdade, quem não possuía a generalização naquele contexto era o TILS, haja vista que os colegas de classe do estudante logo entenderam o objetivo da comunicação. Contudo, estamos frente a uma problemática, pois para haver uma comunicação efetiva de “alguma vivência ou algum conteúdo da consciência a outra pessoa não há outro caminho a não ser a inserção desse conteúdo numa determinada classe” (VIGOTSKI, 2008, p. 12).

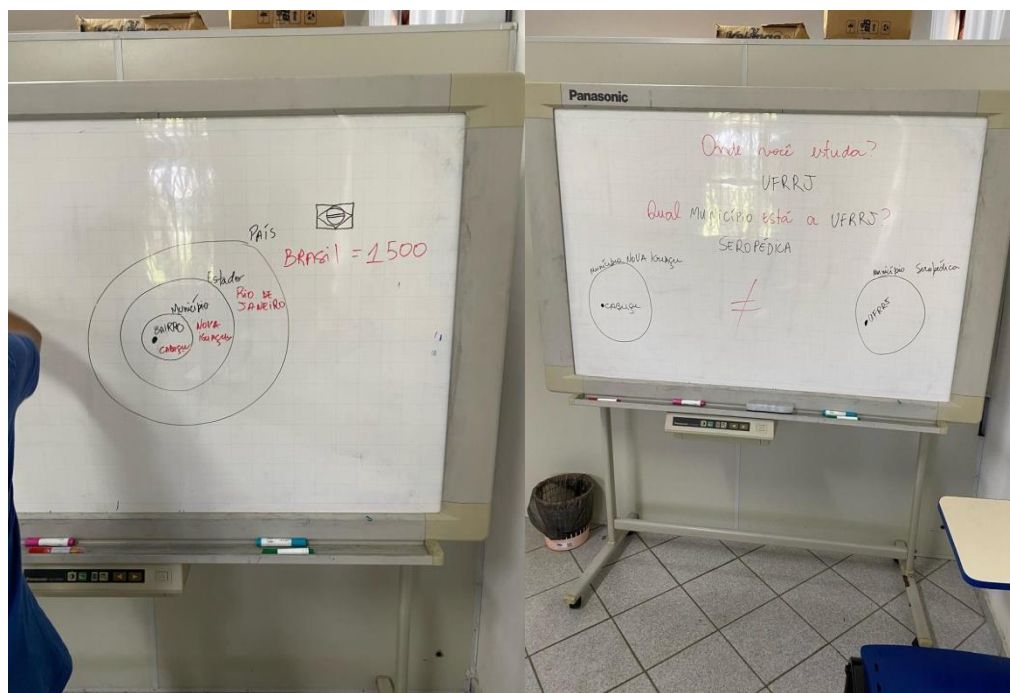
A pessoa que recebia a informação da palavra azul, não a reconheceu como possível sinal atribuído a algum bairro da região, antes apenas a reconhecia no contexto de cor. Concluindo que, para uma efetiva comunicação a “generalização e desenvolvimento de significado da palavra” ocupa um papel importante. Neste aspecto, o contato social torna-se crucial, para Vigotski (2008):

O pensamento verbal não é uma forma de comportamento natural e inata, mas é determinado por um processo histórico-cultural e tem propriedades e leis específicas que não podem ser encontradas nas formas naturais de pensamento e fala (p. 63).

A dificuldade de compreensão por parte dos surdos é frequente, tanto para o sujeito, como para o interlocutor. Quando crianças surdas não são expostas precocemente à língua de sinais e/ou ao português escrito, irão apresentar atrasos significativos. Por isso, serem expostos a um contexto sociocultural diverso que propicie sua interação é importante. Segundo Kelman (2024), quando há ausência de uma língua dos surdos, estes procuram outros meios simbólicos de representação, isso influenciará na defasagem de seu pensamento, a comunicação ficará limitada a espaços onde há afeto, como no seio familiar, em contrapartida a aquisição da estrutura linguística o possibilitará contato maior com outros sujeitos.

A necessidade de se compreender onde o estudante vivia, foi determinante para avançar em um novo conceito, às experiências anteriores o levavam a reconhecer como chegava em casa, mas não permitia a generalização quanto a posição que ocupava socialmente. Ao pensar em estratégias para ajudar o estudante a desenvolver a habilidade de localização, o TILS percebe que o estudante havia adquirido fatos como a chegada de Portugal a Brasil, e usou o conhecimento prévio que já existia, como podemos conferir a seguir o sistema criado:

FIGURA 1 – Elaboração sobre territorialidade



Fonte: arquivo pessoal.

Descrição da imagem: São duas imagens de uma sala de aula, com quadro branco, piloto cadeira e uma lixeira. No primeiro quadro temos três círculos um dentro do outro que fazem referência ao país Brasil, o estado do Rio de Janeiro, o município de Nova Iguaçu e o bairro de Cabuçu, também tem um desenho da bandeira do Brasil e o ano de 1500. A segunda imagem está escrito no quadro “Onde você estuda?”, “UFRRJ”, “Qual município você estuda?”, “Seropédica”, abaixo dois círculos um escrito “município Nova Iguaçu” e dentro “Cabuçu” ao lado o sinal de diferente e o segundo círculo com o texto: “município Seropédica” e dentro “UFRRJ”. Fim da descrição.

Ao final da atividade proposta, o estudante compreendeu onde residia e as principais diferenças relacionadas ao território onde está inserido.

A pesquisa de Kelman (2024), nos alerta para a dificuldade de compreensão que os surdos têm sobre o mundo ouvinte, tiram suas conclusões a partir de sua experiência visual, mas sem ter acesso ao que de fato ocorre. Para ilustrar, ela cita um evento de sepultamento, onde os surdos não compreendiam o processo para que chegasse ao momento de se deparar com um amigo em uma urna e nunca mais o encontrá-lo. Para alcançar a abstração do pensamento, a linguagem é fundamental para a apropriação dos “saberes próprios do contexto social” (p. 103).

A surdez possui uma complexidade quanto a sua comunicação, logo, compreender a importância da língua de sinais no seu desenvolvimento e refletir sobre as práticas sociais contribui para a reflexão do contexto bicultural brasileiro. A escola carrega a responsabilidade de ampliar as experiências de interação e significação, reduzindo as barreiras, promovendo espaços que contribuam para o aprimoramento da capacidade de conceituação dos estudantes.

Mas, quando pensamos no ensino superior, a relação posta aos estudantes requer que já dominem a comunicação e sejam claros em suas colocações, para isso precisamos refletir quanto a forma de expressão dos estudantes.

O debate sobre o conceito de deficiência na educação de surdos, nos aproxima de sua realidade e formação humana. Compreendemos que as experiências sociais a qual os surdos têm contato, irão formá-los para um determinado tipo de homem. Para Vigotski (2008), os processos psíquicos não surgem do “defeito físico”, mas sim das “consequências sociais provocadas por ele” (p. 32). Neste aspecto, o autor defende que estudantes com deficiência estejam expostos à solução de problemas, para que alcancem novos níveis de desenvolvimento, quando nos falta algo, criamos estratégias para compensar.

A comunidade surda, por anos, reivindica o direito linguístico, no nosso entendimento, a principal barreira social para o desenvolvimento desse grupo é a ausência de comunicação. Então, temos que os diversos níveis de comunicação e o contexto social que a pessoa está inserida serão determinantes para a formação de sua personalidade frente a deficiência. A forma como as pessoas veem o sujeito e a forma que agem, contribuem para seu “sentimento ou consciência do defeito” (p. 56). Para o autor, essa consciência guiará a pessoa com deficiência para a superação das barreiras impostas.

Aprendemos que “assim como a vida de qualquer organismo é direcionada pelas exigências biológicas de adaptação, a vida da personalidade é dirigida pelas exigências de sua existência social” (p. 63). Essas adaptações a que nos referimos ocorre quando os estudantes surdos estão em contato com o ouvinte, existem diferenças comunicacionais. Segundo uma pesquisa realizada por Góes (2012), a participante explica que quando está conversando com um par surdo, a conversa é fluída em língua de sinais, contudo, com um par ouvinte a sinalização precisa ser mais lenta.

O uso de duas línguas, português e Libras, coopera para uma diversidade de produção de linguagem, todavia, precisamos cuidar para que as práticas bimodais não sejam o central no ensino. Essas práticas são importantes para a comunicação e podem auxiliar os estudantes a construir conceitos em seu processo de aprendizagem, mas para o uso efetivo da comunicação a autora sugere que a língua de sinais precisa ser corretamente tematizada e ser o principal meio de adquirir o conhecimento. No aprendizado do português escrito, falta o conhecimento das diferenças linguísticas, Góes (2012) acrescenta que ao perguntar sobre as diferenças entre as duas línguas, os surdos não conseguem compreender, sugerindo que Libras e português são os mesmos pares linguísticos, uma vez que, no processo de ensino, os

professores são incentivados a ensinar a relação entre a palavra falada e os sinais, bem como atividades com “frases curtas e simples”, mas que seguem regras da língua oral.

A grande dificuldade no desenvolvimento da linguagem dos surdos está na compreensão de vocabulários e seus significados, pois ocorre igualmente para os ouvintes os conhecimentos básicos quanto à pontuação gráfica do português escrito. Esses problemas de aquisição de língua, não estão ligado somente aos problemas de ensino na idade escolar, mas também pelas condições sociais que o sujeito está exposto. Por isso, é necessário criar meios de reorganização das experiências individuais de linguagem, neste caso o contato com o ouvinte pode ser o pontapé para a apropriação de conceitos e acesso a novas palavras pelos surdos. Assim como o contato com o par surdo possibilita “mudanças importantes na construção da sua subjetividade” (p. 86), o contato com o ouvinte possibilitará o reconhecimento das diferenças culturais, reforçando a necessidade de uma comunicação múltipla, que neste caso é o uso da experiência bimodal como estratégia de inclusão social, ampliando assim condições de relação interpessoal as quais favorecem a “constituição do pensamento”.

A educação deve ofertar aos estudantes meios que permitam sua “plenitude social” (VIGOTSKI, 2008, p. 68), nossa preocupação deve ser a formação de um cidadão que acompanhe as transformações sociais com autonomia. Ao defendermos o letramento bilíngue de surdos, nosso objetivo é criar espaços em que a comunicação seja efetiva e haja aumento das relações sociais, que possibilitará melhor desenvolvimento do pensamento e da linguagem. No próximo capítulo daremos continuidade focando nos aspectos metodológicos de nossa investigação.

2. REFERENCIAIS METODOLÓGICOS

Nesta pesquisa propomos uma análise qualitativa dos processos educacionais de estudantes surdos, para isso nos preocupamos quanto ao método de análise que nos ajudou a pensar caminhos para entender a visão de mundo do grupo pesquisado. Utilizamos o método documentário criado por Ralf Bohnsack, com base nas ideias de Karl Mannheim (1893-1947), nossa escolha está baseada em três principais fatores, o primeiro é que nos permite realizar a relação entre o conhecimento e o pensamento do sujeito em seu contexto social. Em segundo, conseguimos nos aproximar da realidade sociológica do sujeito e em terceiro nos aproximamos dos debates que possibilitam a reflexão sobre “geração, meio social, estilo e *habitus*” (WELLER, 2005, p. 260).

A realidade que construímos socialmente varia com a perspectiva individual, assim, a produção sociocultural pode ser observada naturalmente por meio de gestos, palavras e ações, bem como na ação prática por meio de um documento, aqui nos referimos a metodologia escolhida. Não conseguiremos analisar a perspectiva dos estudantes surdos quanto aos processos de letramento e inclusão social, sem observar o contexto histórico-cultural em que estiveram inseridos no seu desenvolvimento. Para isso, precisaremos nos ater a 3 níveis de análise: o sentido objetivo, expressivo e o documentário, como em uma obra de arte, não conseguiremos interpretar seu sentido com uma análise superficial ou que nos apresenta de forma imediata, sem contato com o contexto em que esta obra foi produzida.

O sentido objetivo, com estudantes surdos, nos propõe pensá-los como usuários da língua de sinais, mas não nos permite compreender como se deu a construção de suas subjetividades, apenas a compreensão de pessoas que se valem de uma língua gestual-visual para se comunicar e expressar, como em qualquer produto cultural essa perspectiva não exige uma análise aprofundada da realidade do sujeito. No que se refere ao sentido expressivo, não conseguimos separar a expressão em língua de sinais dos estudantes, de seus contextos sociais, logo, o verdadeiro sentido de se expressar em Libras, só fará sentido se compreendermos como a subjetividade é construída e manifestada em seus contextos sociais. A partir disso, o sentido documentário nos ajuda a analisar a ação dos participantes e com isso o uso da língua de sinais continua com os propósitos de comunicação, contudo a ação de ser surdo e o uso da língua poderá ganhar novos sentidos.

A interpretação do sentido documentário, o pesquisador precisa de alguma forma estar inserido no contexto histórico e social. Para Mannheim, o sentido de uma frase expressada está inserido em determinado contexto, desta forma, participar do meio pesquisado possibilita

compreender os significados de determinadas “expressões e representações sociais” (WELLER, 2005, p. 266). Para este método, nos preocupamos principalmente nas interrogações do que fazem e como fazem, isto é, queremos nos aproximar do quê os estudantes surdos comunicam e como desenvolvem seus hábitos sociais. Assim sendo, teremos dois caminhos para análise do fenômeno, o conhecimento comunicativo (o quê?) que se refere a prática social, valores sociais e o nível de comunicação teórica. E o conhecimento conjuntivo (como?), que direciona para a compreensão do processo de socialização, experiências do grupo e conhecimento atóxico.

O conhecimento implícito e/ou atóxico, nos orienta para possíveis expectativas de comportamento, tratando-se de estudantes surdos no ensino superior, deduzimos que estes possuem domínio da língua brasileira de sinais desenvolvida e que por meio dela conseguem se expressar. Contudo, estaremos atentos a intersecção desses estudantes como mostramos no quadro a seguir:

FIGURA 2 – Intersecção dos participantes para análise:



Fonte: Elaborada pelo autor.

Descrição da imagem: Fluxograma com círculos, um maior que ramifica os menores, todos em cores preta e branca, o do meio tem o título “sujeito”, seguido dos menores numerados de um até seis. O primeiro círculo está ligado a uma forma retangular da cor rosa com o tema “surdez”; o segundo está ligado ao retângulo na cor roxa representando o “ambiente social”; o terceiro na cor azul e o tema “gênero”; o quarto na cor laranja com o tema “escolarização”; o quinto na cor amarela representa a “geração”; e por último o sexto, na cor verde que representa a “profissão”. Fim da descrição.

Para analisarmos tais marcadores, utilizamos a perspectiva macro, para entender experiências específicas de socialização, isto é: a surdez, o ambiente social, o gênero; o meso: o processo de escolarização e a geração; e o micro: o projeto individual para a formação

acadêmica. A análise documentária nos permitiu descobertas das experiências do grupo social pesquisado, ressignificando as “visões de mundo”, “ações práticas” e “formas de representação” (WELLER, 2005, p. 268). Nossa tarefa consiste em questionar as informações passadas pelos participantes, sendo assim, as perguntas lançadas na entrevista estimularam a narração das experiências vividas e não apenas o detalhamento dos acontecimentos, logo, a posição adotada enquanto pesquisadores deve ser a de ouvinte, acessando assim a formação psíquica do sujeito.

O cuidado com a condução das entrevistas deve ser presente nos procedimentos, poderá ocorrer exaustão de determinadas temáticas, nos obrigando a reconduzir os questionamentos para alcançar o objetivo. Por isso, é de extrema importância estar inserido no contexto social, para identificar se em algum momento haverá desconforto, este foi um compromisso ético e metodológico com os estudantes participantes.

O método propõe perguntas que estimulem a pessoa a falar sobre sua vida, uma proposta livre em primeiro momento, buscando identificar o conhecimento comunicativo. A princípio propomos conversas individuais com duração máxima de 2 horas, para isso, estruturamos perguntas a fim de guiar e atender o objetivo de nossa pesquisa, como podemos observar no APÊNDICE A. Com as perguntas, buscamos alcançar questões que podem parecer interessantes, mas também registrar possíveis comportamentos semelhantes próprios do meio social em que os estudantes foram/estão inseridos. Percorremos tal caminho para identificar as estratégias bilíngues que esses estudantes usam para reduzir as barreiras comunicacionais que lhe são impostas socialmente, que podem ser únicas dadas a diversidade de experiências.

O aporte teórico, nos ajudou a refletir e entender melhor o objeto pesquisado, entretanto, durante as análises, nos baseamos na comparação dos casos e não apenas nas bases teóricas já existentes. Embora a base teórica seja importante para trilhar, este método pretende controlar a argumentação do pesquisador quanto a sua posição social, direcionando para a comparação do grupo pesquisado. Por mais que desejássemos estabelecer a neutralidade na pesquisa, isso não é possível, visto que toda análise está associada ao conhecimento social e teórico, todavia:

A análise comparativa desempenha, assim, um papel de controle metodológico de compreensão da realidade estranha ou distante do universo do (a) pesquisador (a) — ‘*methodischkontrolliertes Fremdverstehen*’—ou seja, de controle das afirmações ou generalizações realizadas sobre a realidade observada (WELLER, 2005, p. 280).

Por isso, após a realização das entrevistas, foi possível fazer uma análise individual e coletiva, por meio de eixos temáticos criados de acordo com as respostas dos participantes. O uso de tipologias, nos possibilitou a identificação de semelhanças e diferenças, tornando evidente as teorias baseadas em dados empíricos.

2.1 Contexto da pesquisa

A pesquisa ocorreu na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, localizada na Baixada Fluminense. A universidade, começa sua história em 1910, com a proposta inicial para formação na área da agronomia e medicina veterinária, somente em 1965 passa a ser reconhecida como UFRRJ. Com atuação no ensino, pesquisa e extensão, a universidade possui aproximadamente dezoito mil estudantes, matriculados nos 57 cursos de graduação, principalmente nos *campi* de Seropédica, Nova Iguaçu e Três Rios, visto que o *campi* de Campos dos Goytacazes não possui curso de graduação presencial. O programa Reuni, é apontado como a principal política pública para a expansão da universidade e a criação de novos cursos, principalmente em Nova Iguaçu. Segundo Ribeiro *et al* (2020), o Instituto Multidisciplinar é considerado a maior expansão do período da política pública, sem ser uma nova universidade, visto que possui 11 cursos de graduação.

A criação e expansão dos cursos da Universidade Rural, tem possibilitado o atendimento às necessidades dos municípios em que está sediada, o que implica diretamente a receber um público com experiências similares as dos moradores de periferias. Apesar disso, Flexor *et al* (2020) diz que entre as vivências da juventude na Baixada Fluminense e nas periferias estão o desconforto com o transporte público, o tempo gasto nos engarrafamentos, aumento da criminalidade e ausência de políticas públicas de qualidade. Isso influencia diretamente na vida acadêmica e profissional, além do sonho com um futuro melhor. Essas realidades estão ligadas diretamente ao campo e aos sujeitos participantes da pesquisa, o mapa a seguir representa de forma simplificada onde os estudantes moram e a localização geográfica da UFRRJ.

formados por servidores de diferentes setores, o que possibilita a elaboração de documentos importantes para a acessibilidade na universidade. Entre esses documentos, destacamos as Diretrizes sobre Acessibilidade e Inclusão para as Pessoas com Deficiência na UFRRJ, bem como o Plano de Acessibilidade da UFRRJ, que contribuem para a atuação intersetorial e colaborativa na oferta da inclusão educacional (PLETSCH *et al*, 2024). A efetivação da inclusão educacional está diretamente ligada ao nível de envolvimento das instituições com as práticas acadêmicas. O NAI tem como objetivo realizar atividades que promovam não apenas o acesso, mas também suporte pedagógico ou de tecnologia assistiva para a participação ativa dos estudantes nas atividades acadêmicas. Importante ressaltar, que os primeiros suportes para estudantes surdos começaram a ser ofertados em 2020, durante a pandemia da Covid-19.

2.2 Sujeitos do estudo

Realizamos as entrevistas por meio de gravação de vídeos, visto que o meio de comunicação principal foi a língua de sinais. Neste caso, não foi necessária a presença de tradutores-intérpretes, mas houveram dificuldades de compreensão e comunicação com alguns estudantes, isso ocorreu porque alguns dos estudantes não possuem contato com a Libras convencionada nos centros urbanos (BRITO, 1993). Os participantes da pesquisa foram 7 estudantes surdos em diferentes cursos de graduação da UFRRJ, que recebem suporte pelo NAI. As características acadêmicas dos estudantes podem ser observadas no quadro abaixo:

QUADRO 3 – Dados do grupo pesquisado

Nome	Idade	Gênero	Raça	Curso	Período	Campus
Camila	24	F	Parda	Lic. Especial	Ed. 5º período	Nova Iguaçu
Luisa	25	F	Parda	Arquitetura	3º período	Seropédica
Pedro	22	M	Branc a	Lic. Matemática	1º período	Seropédica
Beatriz	27	F	Parda	Eng. Florestal	6º período	Seropédica
João	25	M	Branc a	Lic. Matemática	6º período	Seropédica
Rafael	24	M	Parda	Lic. Matemática	4º período	Seropédica
Bruno	20	M	Preta	C. Computação	5º período	Nova Iguaçu

Fonte: Elaborado pelo autor.

Com o quadro, é possível perceber que 70% dos estudantes surdos se autodeclararam pretos e/ou pardos, apenas 30% são brancos, em sua maioria estão em cursos de licenciatura, a maior concentração está no curso de matemática. Também é perceptível a presença do sexo masculino maior, e esses estudantes estão principalmente matriculados em cursos da área de exatas, comparado ao feminino. Nota-se que a maior concentração de estudantes está no campus de Seropédica. A faixa etária é bem parecida, sendo o estudante mais velho com 27 anos e o mais jovem com 20 anos. Optamos por utilizar nomes fictícios para preservar o sigilo dos estudantes, também utilizamos a letra P para identificar as intervenções e perguntas do pesquisador.

2.3 Produção de dados

A princípio nos propomos realizar a estruturação da coleta e com base no método documentário, uma roda de conversa na plataforma virtual *Google Meet*, com duração prevista de até 2 horas. Por tratar-se de uma entrevista em Libras e projetando o processo de análise, pensamos em dois momentos com 2 grupos. No entanto, houveram algumas mudanças, visto que foi sugerido realizar a coleta de forma presencial, com isso, esbarramos com o retorno dos estudantes às aulas e encontramos a dificuldade de reuni-los em um horário comum a todos e que não atrapalhasse suas atividades acadêmicas. Por isso, as entrevistas foram realizadas individualmente, com exceção de uma que foi realizada em dupla, o que colaborou para alguns apontamentos.

O contato com os estudantes foi realizado por meio do *Whatsapp*, alguns contatos já possuíamos por meio da atuação junto ao NAI, outros foram obtidos por meios dos intérpretes que atuam com os estudantes. Um vídeo em língua de sinais foi enviado, convidando os estudantes a participarem da pesquisa, inicialmente uma estudante recusou participar, mas solicitou mais informações e após a explicação do que se tratava, aceitou participar. A princípio, dois estudantes compreenderam o objetivo da pesquisa de forma equivocada, ambos pensavam se tratar de um curso para surdos e por isso precisaria dedicar mais tempo, em meio às suas demandas acadêmicas, após a explicação seguimos para o agendamento no melhor horário para os estudantes. Todas as entrevistas ocorreram presencialmente, entre a segunda quinzena do mês de abril e a segunda quinzena do mês de maio, nos *campi* de Nova Iguaçu e Seropédica.

Utilizamos um tripé com iluminação e um celular para realizar a gravação das entrevistas, inicialmente contamos com a participação de uma voluntária da pesquisa, que ficava responsável pela captura de imagem. No entanto, a partir da segunda entrevista,

percebemos que os estudantes surdos ficavam desconfortáveis com a presença de um ajudante, ao avaliar a não necessidade de um ajudante, as entrevistas seguiram. A primeira entrevista ocorreu na sala da licenciatura em educação especial, no Instituto Multidisciplinar, em Nova Iguaçu; a segunda e a terceira foram realizadas na sala do NAI em Seropédica; a quarta e a quinta no prédio da Biblioteca Central em Seropédica; a sexta entrevista foi realizada na sala do Centro Acadêmico, na sede do curso de Licenciatura em matemática o Pitágoras, também em Seropédica; e por último, a sétima foi realizada também na sala da educação em especial, no IM em Nova Iguaçu.

As entrevistas foram realizadas sempre em dia e horário que os estudantes não tinham atividades presenciais. Foi possível perceber que o contato presencial permite melhor observação, do que online, isso porque todos os estudantes apresentaram dificuldades na compreensão das perguntas, mas principalmente para preencher o Termo de Compromisso Livre e Esclarecido e a autorização de imagem e som. A maioria solicitou ajuda e/ou deixaram espaços como endereço, CPF e RG em brancos por não estarem familiarizados com tais dados. As entrevistas individuais, tiveram duração de vinte e cinco e cinquenta minutos cada, o tempo dependia do quanto os estudantes estavam à vontade e interessados pela pesquisa, a título de exemplo uma das entrevistas individuais durou 53 minutos.

A entrevista que foi realizada em dupla, teve duração de duas horas e meia, ao todo foram cinco horas e cinquenta e seis minutos de vídeos registrados em língua de sinais. A fragmentação da roda de conversa em entrevistas individuais foram importantes, visto que se continuássemos com a proposta inicial o volume de depoimentos poderia ser maior, o que poderia acarretar sobrecarga da memória do celular e tornaria o material ainda mais volumoso. Aconteceria similar ao que ocorreu com a roda de conversa com a dupla de estudantes, que lembravam o que gostariam de falar à medida que o outro estava falando.

Organizamos a entrevista em três blocos, são eles: contexto social/educacional dos sujeitos; ingresso no ensino superior; perspectiva para o futuro. Algumas questões previstas no início do projeto, como a disponibilidade, possíveis problemas tecnológicos e de acesso à internet, foram minimizadas por terem sido realizadas de forma presencial. O duração de duas horas para as duplas ou grupo e de uma hora para as entrevistas individuais, foram suficiente para alcançar os objetivos propostos.

Refletindo sobre as questões éticas da pesquisa, com estudantes surdos, reconhecemos a importância da interação em língua de sinais e para diminuir os riscos relacionados à compreensão do português escrito, optamos por realizar a explicação dos documentos necessários para a pesquisa como o TCLE e a autorização de voz e imagem, antes de iniciar a

entrevista. Os estudantes receberam uma via dos documentos assinados, seguindo as recomendações da Resolução CNS 510/2016, Art. 9, V e Art. 17, IV, sobre o assentimento e garantia de sigilo quando solicitado pelos estudantes e que poderia retirar suas participações mesmo após finalizadas. Importante destacar que o projeto foi aprovado pelo comitê de ética da UFRRJ sob código de registro: 84455424.3.0000.0311.

Também nos preocupamos com o processo de análise das entrevistas e transcrição com apoio de outro tradutor/intérprete de Libras voluntário, para evitar possíveis interferências no meio pesquisado. O cuidado com a interferência no meio, nos aproxima do que Lupetina (2019) expõe sobre a interpretação cultural, que neste caso permite que o TILS use jargões e vocabulário que fazem parte de seu cotidiano. A interpretação para a língua portuguesa, foi realizada para a modalidade oral, primeiramente utilizamos a plataforma online *TurboScribe*, todavia, esse site se limita a áudios de trinta minutos e três transcrições por dia, o que influenciou em um tempo maior para finalizar a transcrição. Por isso, fizemos a pesquisa de uma nova plataforma para realizar as transcrições e por indicação chegamos ao aplicativo *SpeakApp AI*, disponível na *App Store*, para a transcrição na modalidade escrita, ao todo foram cento e vinte e uma laudas de transcrição em português escrito. O aplicativo apresenta bom funcionamento e cria categorias de acordo com o tema abordado, utilizamos a versão gratuita de sete dias, um desafio encontrado foi a não separação em diálogos, necessitando que realizasse uma revisão e a estruturasse em forma de diálogo.

A validação das entrevistas foi realizada por amostra, realizamos um encontro *online*, no *Google Meet*, com outro TILS que não participa do meio pesquisado, essa etapa teve duração aproximada de duas horas e meia, pois precisamos revisar algumas vezes as mesmas informações. Selecionamos três vídeos e analisamos entre dez e quinze minutos, realizamos a leitura do texto transcrito enquanto assistíamos aos vídeos das entrevistas em língua de sinais. Nesse processo, identificamos que ter contato com o conhecimento dos participantes e do contexto inserido foi muito importante, dada a complexidade comunicativa de alguns estudantes. Foi percebido que os estudantes omitem algumas informações na cronologia e na estrutura da expressão verbal, por estar imerso no contexto, o pesquisador não se atentou a algumas informações que os estudantes a princípio “omitiram”, por ter conhecimento do que os estudantes estavam falando, mas foi perceptível com um segundo olhar. Conseguimos validar as entrevistas, pois a transcrição realizada, não apresentou mudança de sentido do que estava sendo dito.

A título de exemplo, em um dos vídeos analisados o estudante BRUNO comentava sobre sua dificuldade em se comunicar com o português escrito, quando não estava no

contexto escolar. O estudante utilizou a frase em Libras: “MAS COMEÇO MINHA MÃE DIRETORA ACHA MELHOR IR INES”, e traduzimos: “A minha mãe, ela foi conversar com a diretora. A diretora falou que era melhor estudar no INES”, e surgiu a dúvida quanto a possível ambiguidade se foi a mãe ou a diretora que pensou na possibilidade de estudar no INES. A conclusão para a validação se deu pelo contexto analisado, que aponta para uma orientação da escola para a responsável procurar outra unidade escolar, que é afirmado quando o estudante diz que depois a diretora aceitou realizar a matrícula. Dessa forma, foi possível perceber a escolha de interpretação cultural, a qual pensa em todo o contexto e não apenas no que foi dito diretamente.

2.4 Procedimentos de análise

Seguindo para análise, separamos as narrativas em duas categorias inicialmente, o conhecimento comunicativo a qual analisaremos quais características semelhantes os estudantes apresentam quanto a organização do sistema educacional ao longo de suas vidas, atentando-se para a influência na decisão de escolha de curso de ensino superior. Em seguida, partimos para o conhecimento conjuntivo, o que nos interessa saber é o que há de semelhante em estudantes surdos, com faixa etária similar e as experiências comuns no contexto social e educacional, e em que se diferenciam. Neste aspecto, por haver participantes dos gêneros feminino e masculino, nos interessa saber em que momento as experiências se modificam ou permanecem idênticas. Portanto, é interessante nos atentarmos para o padrão de sujeitos que por anos tem sido idealizado, tanto pela sociedade em geral quanto para a comunidade surda, que defende a prática não apenas da língua de sinais como da cultura surda.

Partimos da perspectiva analítica acerca do processo de inclusão ao longo da vida, o ingresso no ensino superior e o processo de desenvolvimento do letramento. Existem questões como a defesa de escolas bilíngues, por isso, buscamos identificar qual a perspectiva dos principais atores do processo educacional, os estudantes surdos, o que almejam para a inclusão no ensino superior e como a acessibilidade comunicacional tem influenciado em sua permanência nos cursos. A elaboração das perguntas utilizadas na entrevista, serviram para iniciar e guiar o foco da roda de conversa, entretanto, na prática utilizamos estratégias ditas de improviso, ao perguntar como os estudantes se descobriram surdos, utilizamos dessa narrativa para construir a argumentação-descritiva, quando houver a necessidade de introduzir novas temáticas, utilizamos o roteiro pré-elaborado.

Para analisar o conteúdo, em primeiro momento realizamos a seleção de passagens, isto é, os trechos da conversa permitiram perceber o que havia de diferente ou apresentava questões relevantes para nossa pesquisa. Mas, anteriormente a essa etapa, realizamos a

transcrição das entrevistas para o formato de narrativas, neste momento precisamos de outro TILS para validar a tradução das entrevistas. Em seguida, iniciamos a formulação da interpretação, a fim de compreender a temática em curso, verificando a subjetividade dos estudantes em contato com o grupo, então, criamos os tópicos da entrevista, bem como subtópicos quando houvesse necessidade. Após, partimos para a interpretação que possibilitou a reflexão, neste sentido, analisamos as sequências das ações relatadas, isso nos permitiu identificar os *habitus* do grupo. Os relatos específicos de acontecimentos únicos e também de ações que se repetem, permitiu identificar a repetição de alguns sinais na tentativa de transmitir algumas informações.

As narrativas relatadas, colaboraram para compreender a argumentação de como os estudantes entendem determinado fato ocorrido que dificultou seu acesso ou desenvolvimento. Nesse sentido, foi possível analisar como os estudantes avaliam as barreiras que tiveram durante esse processo, e o que reconhecem como sendo negativo e quais as expectativas para a reconstrução de um ideário de inclusão e acessibilidade. Caminhamos então para a comparação das narrativas e a criação de tipos, realizando comparações dentro de um mesmo tópico, comparação com base em um mesmo sentido/significado de uma determinada ação e a comparação com base nas experiências individuais de gênero, acesso à educação, idade e local de moradia. Utilizamos como base para as comparações, as experiências de ingresso na escola, o contato com a língua de sinais, o aprendizado da língua portuguesa e o ingresso no ensino superior. O que nos orientou foi a compreensão sobre a surdez, o aprendizado de ambas línguas e a acessibilidade que obtiveram nesse percurso.

Com isso, conseguimos encontrar semelhanças e diferenças dado o mesmo contexto estrutural universitário dos participantes, ou seja, foi possível nos aproximar dos debates sobre as políticas de ações afirmativas as quais possibilitaram o ingresso desses estudantes. Também nos permitiu discutir a importância dessas políticas na UFRRJ, que tem ampliado o acesso e a permanência de estudantes de classe social menos favorecida economicamente. Desta forma, criamos tipologias de senso-genético, que nos guiaram na identificação sobre o que orienta as experiências do grupo. A partir desse processo, organizamos a discussão dos dados de nossa pesquisa, dialogando com os eixos das entrevistas, nosso referencial teórico e a literatura da área.

3. O QUE DIZEM OS ESTUDANTES SOBRE SUA TRAJETÓRIA E PROJETO DE FUTURO?

A inclusão de estudantes surdos na educação básica é marcada pela carência de estratégias pedagógicas e de profissionais habilitados que compreendam a língua de sinais como parte constitutiva do desenvolvimento desses estudantes. A educação inclusiva deve nortear-se pelo princípio da convivência entre as diferenças, ou seja, deve ser uma educação que compreenda que os estudantes surdos necessitam de acesso a língua de sinais para se desenvolver, e construir sua identidade como pessoa surda. Esse processo exige compreender os problemas educacionais, como a dificuldade de acesso e permanência, com qualidade, para esses sujeitos.

Entre os sujeitos participantes da pesquisa, observamos alguns perfis de estudantes que se assemelham e outros que se distanciam enormemente. Importante lembrar que dos sete participantes: três cursaram a educação básica integralmente em escolas públicas da Baixada Fluminense; dois cursaram integralmente no município do Rio de Janeiro — um na zona norte e uma na zona oeste — dois participantes cursaram parte próximo a suas casas e parte no município do Rio; e apenas uma estudante frequentou escola bilíngue de surdos. Esse mapeamento se faz necessário, a fim de pensarmos nas políticas públicas educacionais para essas pessoas, seja por meio das leis que pensam o ensino de Libras (BRASIL, 2002; 2005), ou pelas políticas de educação especial na perspectiva da educação inclusiva (BRASIL, 2008).

Para organizarmos nossa discussão, elencamos alguns eixos temáticos, seguindo os mesmos adotados na elaboração e realização das entrevistas. Relembrando, o contexto educacional e social, o ingresso no ensino superior e a perspectiva de futuro. Sendo assim, separamos em quatro subtítulos, o primeiro trazemos a discussão sobre o acesso à educação básica, suas barreiras e potencialidades; no segundo, refletimos sobre o ingresso no ensino superior e quais suportes tornam-se necessários para a inclusão dos estudantes. No terceiro, trazemos o debate sobre a apropriação conceitual, a representação simbólica e como a cultura inclusiva na universidade contribui para o desenvolvimento de toda a comunidade acadêmica; por último, apresentamos a perspectiva de futuro dos estudantes, o que esses desejam fazer após concluírem o ensino superior, o que podemos conferir a seguir.

3.1 A trajetória na educação básica

Quando perguntado sobre como foi o processo educacional na educação infantil, foi possível observar que poucos estudantes tiveram acesso a essa etapa de ensino. Três dos estudantes disseram que durante a infância se comunicavam apenas por sinais caseiros, que a

família era a principal responsável por seu desenvolvimento educacional. Antes de aprofundarmos um pouco mais no contexto educacional, voltaremos um pouco para identificar como os estudantes descobriram-se surdos, essa questão é essencial para identificarmos como os sujeitos se constituíram. Os estudantes apontam que começaram a perceber a surdez após os cinco anos de idade, interessante perceber que a língua de sinais aparece como sendo marca desse descobrimento de ser surdo, como podemos ver no relato a seguir:

Luisa: Bem, na verdade, eu comecei a perceber que era surda, mais ou menos eu tinha 5 anos. Mas eu comecei a aprender língua de sinais com 2 anos, foi o que minha mãe disse, que começou a perceber. Com 5 anos eu percebi que língua é essa, a língua de sinais. Foi quando eu entrei numa escola bilíngue. Eu comecei a ver os surdos todos se comunicando em língua de sinais e parece que eu comecei a adquirir essa língua. Porque antes a minha família só se comunicava oralmente, eu não entendia nada (entrevista realizada em 07 de maio de 2025).

Essa experiência da estudante Luisa, é um pouco diferente da estudante Beatriz, por exemplo, que só teve contato com a Libras a partir dos 9 anos.

Beatriz: Minha mãe descobriu. Foi ao médico para ver se estava tudo bem com a saúde, e aí descobriu que ouço um pouco de um lado, em um sou totalmente surda e no outro ouço um pouco (entrevista realizada em 14 de maio de 2025).

Os estudantes apresentam perspectivas parecidas quanto aos descobrimentos de serem surdos, os estudantes Luisa e Bruno, dizem que começaram a perceber que eram surdos em contato com a língua de sinais e as especificidades da cultura surda. Enquanto os estudantes Beatriz e João, a família ao procurar orientação médica esbarrou com a surdez. Os estudantes Luisa e João tiveram estimulação da família para a aquisição de linguagem, no caso de Luisa, a mesma relata que havia combinação de sinais caseiros e João aponta que a mãe e a irmã aprenderam a língua de sinais para se comunicar e orientá-lo na vida cotidiana. Cabe destacar que todos os entrevistados são os únicos surdos no ambiente familiar.

O envolvimento da família foi essencial para o desenvolvimento desses estudantes. Mas somente, quando perguntado sobre o aprendizado da Libras, eles relatam que iniciou na escola. Três estudantes frequentaram centros de educação especial, a Beatriz cita que frequentou esse centro a partir dos 9 anos, no contraturno, já as estudantes Camila e Luisa, frequentaram o mesmo espaço. Vejamos:

Camila: A primeira vez que eu entrei na escola foi [sinal]. Eu tinha cinco anos. É uma escola em Nova Iguaçu. (Aqui a estudante utiliza sinais que o pesquisador não reconhece). Acho que é uma escola da prefeitura. Nesse espaço, comecei a aprender a língua de sinais. Aprender o alfabeto, também a escrever. Mas, também, essa escola fechou. Depois fui para essa escola, cujo [sinal] é esse, [CS], e depois eu fui para o INES quando essa escola fechou (entrevista realizada em 30 de abril de 2025).

Luisa: Sim, com 2 anos eu entrei nessa escola [a estudante faz o mesmo sinal da escola da estudante Camila] (entrevista realizada em 07 de abril de 2025).

Beatriz: Sim, uma escola de educação especial, que foi onde comecei a aprender a língua de sinais (entrevista realizada em 14 de maio de 2025).

Com exceção da estudante Beatriz que explicitou que o atendimento na educação especial ocorria no contraturno, as demais não explicaram isso. Aqui nos referimos a concepção que o campo da Educação Especial foi constituído como paralelo a educação regular e não como aliada, assim, ainda é comum que os estudantes com deficiência sejam ensinados em classes e/ou escolas especiais, como ocorreu com a estudante citada (PLETSCH, 2021). Interessante notar que as três estudantes supracitadas seguiram com sua trajetória educacional e o uso da Libras foi presente, o que não ocorreu com os estudantes João e Rafael:

João: Não, não. Zero Libras. Eram só ouvintes. É do primeiro ao quarto ano, a escola, a diretora, os professores não sabiam língua de sinais. Ninguém sabia a língua de sinais. A turma, ninguém sabia língua de sinais. Mas a minha mãe, ela se esforçou em procurar uma pessoa, um intérprete, procurou, não tinha intérprete, a diretora procurava, não conseguia intérprete (entrevista realizada em 14 de maio de 2025).

Rafael: Meus professores, quando eu via, eles eram ouvintes. Os surdos estudavam e não via nada, professor, ouvinte e eu surdo. Eu olhava o professor escrevendo, passando atividade, olhava o que o professor estava dizendo. Eu ficava vendo o professor (entrevista realizada em 15 de maio de 2025).

A estudante Beatriz com muito entusiasmo se recordou de como foi seu processo de descobrimento da surdez e da língua de sinais, a participante nos conta que ao chegar na escola de educação especial conheceu sua primeira parceira surda. Neste momento, vemos o quanto a zona de desenvolvimento proximal se deu, e como a estudante saiu de um estágio onde não sabia Libras, para o estágio onde sabia alguma coisa, vejamos a seguir:

Beatriz: Sim, eu comecei a mexer com a mão, e ia tentando lembrar o sinal de uva. E aí procurando imagem no livro. Tinha um livro, tem um livro em casa ainda, tá guardado.

E aí eu, ah, isso é uva. Ah, isso é maçã. O sinal é esse. Eu não conhecia, eu não lembrava, não conseguia voltar. Aí no dia seguinte eu voltei, e aí eu já aprendi. Eu já mostrei para ela, olha, isso aqui é uva. E aí ela ficou super animada com isso, e fomos acostumando nessa comunicação, e consegui aprender. Mas eu comecei aos nove anos a língua de sinais. Antes eu não sabia. Agora já consigo me comunicar super bem em língua de sinais (entrevista realizada em 14 de maio de 2025).

Alguns perfis na educação básica se repetem, no grupo temos 3 estudantes que estudaram em escolas de educação especial, as estudantes Camila, Luisa e Beatriz, sendo que a Camila e Luisa sinalizam terem frequentado a mesma instituição de ensino, ao pesquisar o sinal, tudo indica que é o Caiesp, em Nova Iguaçu, Luisa também cita ter frequentado turma multisseriada de surdos no Instituto Educacional Rangel Pestana. Os demais estudantes estudaram em escolas inclusivas, sem muita acessibilidade, como vemos nos relatos de Pedro,

João e Rafael. O estudante Bruno, apesar de ter ingressado na educação infantil, não houve estimulação, contudo aos 7 anos teve contato com instrutor surdo e a sala de recursos.

Bruno: Eu acho que comecei, mais ou menos, com sete anos, que eu aprendi na escola. Eu estava junto com o professor surdo na sala de recursos. E aí ele me ensinou e eu comecei a aprender a língua de sinais (entrevista realizada em 20 de maio de 2025).

Logo, percebemos que os perfis são variados quanto ao aprendizado da língua de sinais, o que influencia diretamente no desenvolvimento educacional e humano desses sujeitos. Agora veremos como o desenvolvimento se deu quando esses estudantes chegaram na segunda etapa do ensino fundamental e ensino médio. Aqui cabe destacar que os sujeitos da pesquisa realizaram essas etapas educacionais principalmente no período da pandemia da Covid-19, não foi objetivo do trabalho pesquisar o impacto que a pandemia causou nos estudantes, mas cabe aqui a reflexão quanto ao isolamento dos sujeitos. Em muitos momentos, a partir de agora, os estudantes citam principalmente a presença ou ausência do profissional intérprete e como isso influenciou sua formação.

A estudante Camila frequentou o INES, então aponta como principal dificuldade questões como o *bullying*, interessante notar que a estudante apresenta dificuldade quanto a identificar a instituição como pública ou privada. A estudante confunde o INES como instituição privada, dada a concentração de investimento público na instituição. Contudo, outros estudantes apresentam as dificuldades enfrentadas na mudança de etapa na escola, como vemos nos relatos a seguir:

Luisa: Na verdade, é complicado pra mim, porque eu me acostumei com a educação bilíngue. Quando fui pra educação inclusiva foi muito diferente. Os professores falavam, e agora tem a presença do intérprete.

Pedro - Sim, faltava. Porque faltava intérprete, não tinha intérprete, os professores eles estavam sempre brigando e eu não entendia por que eles estavam brigando comigo (entrevista realizada em 07 de maio de 2025).

A modalidade de educação bilíngue surge em 2021, contudo, essa regulamentação inclui apenas a educação infantil e a primeira etapa do ensino fundamental. Por isso, a presença do intérprete na sala de aula na segunda etapa é inevitável (BRASIL, 2021). A este respeito, algumas questões sobre o processo educacional dos surdos precisam ser consideradas quanto a atuação e a crença que atribuem aos profissionais. Se antes, alguns estudantes tinham pouco acesso a língua de sinais, agora o contato diminuiu significativamente em alguns casos. Observem o diálogo entre o pesquisador e o estudante sobre o acesso a Libras:

Rafael: Meus professores, quando eu via, eles eram ouvintes. Os surdos estudam e não via nada, professor ouvinte e eu surdo. Eu olhava o professor escrevendo, passando atividade, olhava o que o professor estava dizendo. Eu ficava vendo o professor.

P: Tinha libras?

Rafael: Libras bem pouco.

P: O professor, quando estava escrevendo no quadro, ele utilizava língua de sinais ou não?

Rafael: Mais ou menos, bem pouquinho língua de sinais.

P: Então o professor só utilizava expressões, gestos, por exemplo, se comunicava para ir ao banheiro, era mais ou menos isso?

Rafael: Não, era muito difícil a comunicação. O professor escrevia em português.

P: E usava pouca língua de sinais?

Rafael: Sim, pouca língua de sinais. Era bem pouca língua de sinais. (entrevista realizada em 15 de maio de 2025).

Neste caso, por exemplo, o estudante teve pouco acesso durante toda sua trajetória educacional, a Libras foi pouco presente em seu desenvolvimento. Diferente da estudante Luisa que cita a presença dos intérpretes, que se diferencia dos estudantes Pedro e Rafael que citam a ausência da língua e para além disso, professores sem formação adequada para atuarem com estudantes surdos. Segundo Aspilicueta et al (2013), a presença do intérprete é condição mínima para o estudante ter acesso à educação, todavia a presença desse profissional, não anula a necessidade de investimento de formação em língua de sinais e metodologias que atendam as especificidades educacionais dos estudantes surdos.

Nos anos finais do ensino fundamental, os estudantes, com exceção da Camila que estudou no INES escola específica para surdos, frequentaram escolas inclusivas com sala de recursos. Com os estudantes Pedro e Rafael, foi possível observar que não tiveram acesso ao atendimento educacional especializado, estes citam apenas a dificuldade de comunicação e a sensação de exclusão em meio aos estudantes ouvintes, eles também apresentam a ausência do ensino formal ao longo de seu desenvolvimento. Os demais estudantes tiveram contato com um par surdo e pelo menos professor da sala de recursos que apoiava nas atividades escolares, como observado na fala do Rafael, em seu processo educacional houve pouco uso da língua de sinais.

Sobre o ensino médio, os estudantes apresentam a presença do tradutor-intérprete como sendo fundamental para a sua participação e o seu desenvolvimento e que a estrutura existente na educação básica não tem sido apropriada, seja pela ausência de contratação e questões salariais, mas também a ideia do intérprete ser o único responsável pela inclusão dos estudantes na escola. Segundo Pletsch (2021), temos dois discursos que interferem diretamente na prática, um está ligado a suposta “incapacidade” dos professores em ensinar os estudantes com deficiência e o segunda está ligado ausência de atividades acessibilizadas para os estudantes, atribuindo assim ao intérprete, ao AEE e a outros agentes da inclusão a responsabilidade de ensinar o estudante.

O profissional TILS (tradutor intérprete de língua de sinais), sempre está presente na

fala dos estudantes surdos, por isso a reflexão sobre o papel desse profissional na educação de surdos tem demandado atenção. Quando pensamos na atuação dos TILS no ensino fundamental, encontramos que em alguns momentos esse profissional acaba assumindo o papel do professor regente, isso porque como vimos, muitos estudantes não possuem referências da Libras, então, os intérpretes também passam a atuar em assunto como a orientação de vida dos estudantes, além de ensinarem a línguas de sinais. Segundo Mendes (2012), quando o TILS assume o trabalho de professor regente ele na verdade cria uma nova forma de aprendizado possível para os estudantes surdos, mesmo que em alguns momentos esse não seja seu papel.

Não podemos analisar a construção da personalidade humana como sendo algo desfragmentado, precisamos analisar o contexto em que isso se dá. É um processo biográfico único, nossa construção de linguagem tem influência de toda a trajetória de vida, no caso dos surdos a construção não vem apenas da ausência da audição ou percepção visual como supercompensação, cada sujeito se desenvolverá de acordo com a sua construção e inserção social (VIGOTSKI, 2021).

A barreira que impulsiona o sujeito surdo a se desenvolver dependerá do meio social em que está inserido. Vigotski aponta que essas barreiras, no caso a comunicacional, estimulam a compensação, ou seja, o aperfeiçoamento para a diminuição da barreira. O resultado do desenvolvimento depende do repertório de habilidades desenvolvidas na superação das barreiras, vejamos: “O desenvolvimento da aptidão, assim como o desenvolvimento do caráter, transcorre dialeticamente e é movido pela contradição” (p. 101).

Interessante observarmos nos relatos de estudantes que não existe um modelo linear de estudante surdos, todos os estudantes, mesmo que façam uso da oralização em algum momento, utilizam a Libras como principal meio de comunicação e em muitos casos esse aprendizado foi tardio, resultando na exclusão no ambiente escolar. Os relatos nos dão uma ideia de como ocorreu esse processo:

Bruno: Mas eu não entendia a língua de sinais claramente. Eu estava aprendendo ainda os sinais (Entrevista realizada em 20 de maio de 2025).

Pedro: Bem, eu entendo claro, mas, por exemplo, quando eu era criança, eu não conhecia sinais, eu não conhecia a língua de sinais (entrevista realizada em 07 de maio de 2025).

A ausência de comunicação forma esses sujeitos, isola esses estudantes e os exclui da participação social. O estudante Bruno evidencia isso em alguns momentos de sua fala quando em muitas vezes se sentiu induzido a oralizar e não reconhecia a comunicação da Libras como possibilidade de desenvolvimento, ao passo que sentia-se excluído das atividades escolares o

que trouxe a ele a reflexão sobre a deficiência, vejamos um exemplo:

Bruno: Mas olhava as pessoas, por exemplo, pessoas com autismo. Eu percebia, que ele também tem dificuldade de comunicação. Não sou apenas eu, mas ele não sabe Libras. É diferente. Mas parece que nós somos pessoas com deficiência igual... Ele precisa também sempre estar junto com a mãe, assim como eu preciso estar junto com a minha mãe. E aí o grupo parece que é um pouco diferente na forma de comunicação, parece que sempre estava com inveja do ouvinte, porque os ouvintes tinham nota boa e eu nota ruim.

E isso era ruim. Por exemplo, os professores davam dinheiro falso quando os estudantes tiravam nota boa. O professor deu um presente e me senti como que com inveja. Ficava pensando... O que preciso fazer, para ser assim também. Ficava angustiado. Parece que ser surdo é ruim (entrevista realizada em 20 de maio de 2025).

Nesse caminho, não podemos deixar de mencionar como foi o aprendizado da língua portuguesa e como os estudantes veem seu desenvolvimento na L2. Os estudantes Luisa, Beatriz, João e Bruno apontam para a mesma dificuldade com a aquisição de novas palavras e conceitos. Eles dizem que precisam de recursos para compreender o que se deseja comunicar e ser comunicado, também apontam para a necessidade de sempre se atualizarem e aprenderem novas palavras, como podemos ver a seguir:

Luisa: Por exemplo, sei utilizar, por exemplo: “eu, você, ele, nós”, mas algumas palavras específicas são mais, precisa de mais tempo para aprender (entrevista realizada em 07 de maio de 2025).

João: Preciso ter o costume de estudar o português, conhecer mais verbos (entrevista realizada em 14 de maio de 2025).

Diferentemente da pesquisa realizada por Góes (2012), em que a estudante surda não reconhecia a diferença das línguas (a de sinais e a portuguesa), aqui percebemos que os estudantes conseguem diferenciar a estrutura gramatical do português escrito da Libras. O estudante Bruno, chegou a citar a disciplina de língua portuguesa na escola, o fato é que esses estudantes utilizam de forma satisfatória o português escrito para se comunicar no dia a dia. Todos estes deram exemplos concretos de como utilizam da comunicação e quais estratégias utilizam para se comunicar em situações reais, Beatriz por exemplo durante a entrevista nos aponta a barreira comunicacional em um atendimento médico em um momento que estava resfriada e comenta a dificuldade que tem de compreender o gênero textual da receita médica. Enquanto isso João, exemplifica como foi sua experiência de comprar remédio na farmácia pela primeira vez sozinho, até mesmo comenta a diferença que notou na caixa do remédio que já estava acostumado a comprar, questionando ao atendente o porquê as cores eram diferentes, dado interessante para entendermos como funciona o letramento neste caso.

Algo muito interessante que aparece na entrevista com Bruno, foi um exemplo de como se deu a comunicação que ocorreu no transporte público, em uma viagem de trem. O estudante cita que ao solicitar informações, por meio do celular, a um senhor o mesmo se

afastou assustado. O estudante então se questiona se a falha na comunicação ocorre por este ser surdo e ter a barreira da língua, ou se ocorreu um possível caso de racismo. Isso é importante, pois essas experiências tornam a construção identitária de uma pessoa surda e negra, diferente das demais pessoas em que o racismo, por exemplo, não é presente no cotidiano. No caso em particular do Rio de Janeiro, também não podemos afastar a hipótese de constante medo desse senhor, pois vivemos numa cidade violenta e com muitos assaltos diários.

Em contraste com esses exemplos, temos o oposto, os estudantes Camila, Pedro e Rafael sentem pouca ou nenhuma segurança no uso do português escrito. A estudante Camila diz que consegue se comunicar com a família por escrito, no entanto, sente insegurança por medo do estigma social quanto a estrutura da escrita diferente dos surdos, o que influencia na sua autonomia, visto que precisa estar acompanhada da mãe em consultas médicas. Os estudantes Pedro e Rafael apresentam grande dificuldade e pouca aceitação da linguagem escrita, vejamos suas respostas quando o tema da entrevista foi a segunda língua:

Pedro: Ruim, muito ruim. O português, para falar a verdade, eu não consigo entender nada do português. Eu nunca consigo entender.

[...] Zero, nada, nada, zero, zero, zero. Português, eu não entendo, não consigo (entrevista realizada em 07 de maio de 2025).

Rafael - Eu, texto, passo a passo, português, professor, ver, aprender, ver, pouco, pouco, eu ver pouco, mais ou menos, ver, pouco, estudar, aprender, muito, estudar, muito, escrever, escrever muito, escrever muito. Português, escrevo muito. Ouvinte, surdo, português, difícil, ver, difícil, português, depende (entrevista realizada em 15 de maio de 2025).

A partir das dificuldades e potencialidades apresentadas pelos estudantes, conseguimos agora observar e fazer uma melhor análise do percurso dos mesmos no ensino superior. O percurso educacional e social apresentado até aqui, nos ajuda a pensar melhor os meios e suportes que esses estudantes utilizam e demandam em seu processo de ensino e aprendizagem em seus cursos de graduação, bem como suas perspectivas para o futuro.

3.2 Cheguei no ensino superior, e agora?

Os estudantes sentiram-se muito à vontade para dizerem o porquê escolheram seus cursos de graduação, os estudantes Camila, Beatriz e João escolheram o curso com base na nota do SISU, o Sistema de Seleção Unificada para acesso às universidades federais, que ocorre com base na nota do Exame Nacional do Ensino Médio — ENEM. Vejamos esses relatos:

Camila: Na verdade, a minha nota não foi boa o suficiente para me inscrever para o curso de artes, que era o que gostaria. E aí a minha nota combinava com a educação especial então escolhi o curso. Na verdade, eu perdi a inscrição para artes, porque a minha nota não foi suficiente, a nota de corte era muito alta e aí tinha a opção de educação especial.

Falei assim, eu acho interessante ter essa escolha, ter essa experiência e eu pensei que posso adquirir esse conhecimento da educação especial e futuramente trabalhar com artes, por exemplo, com crianças com TEA, crianças com deficiência visual (entrevista realizada em 30 de abril de 2025).

A estudante Beatriz diz que pensava na possibilidade de estudar Ciências Biológicas, mas que foi selecionada para o curso de Engenharia Florestal, ela diz que passou a gostar do curso e faz uma reflexão crítica sobre sua formação:

Beatriz: E aí comecei a gostar, descobri que eu gosto de algumas disciplinas. Algumas eu não gosto, mas preciso fazer para continuar. Eu vou tentando. Mas tem algumas disciplinas que gosto muito, e têm outras que eu não gosto. Mas é muito difícil, sim. Mas eu escolhi a Engenharia Florestal porque eu fico pensando, tem surdos na matemática, tem surdos na pedagogia, nos outros cursos tem, mas na Engenharia Florestal não tem. Eu fui procurar, não tem surdos nesse curso (entrevista realizada em 14 de maio de 2025).

O estudante João diz que teve grande influência, e seu desejo era cursar medicina veterinária, mas cursa matemática e teve muito incentivo do pai que já possui conhecimento na área, este também diz que seu núcleo familiar possui ensino superior e que por isso se sente motivado a seguir os estudos no ensino superior:

João: Na verdade, no passado eu ficava pensando, enquanto estava na escola, eu ficava pensando em qual curso eu vou passar para o futuro, eu ficava conversando com a minha mãe. E aí eu gostava muito de cachorro, por exemplo, eu queria fazer medicina veterinária, mas a minha nota era muito baixa no Sisu, então eu não consegui passar. E aí, por isso, eu escolhi Matemática. Meu pai também me ajudou, porque ele sabe matemática (entrevista realizada em 14 de maio de 2025).

Já os estudantes Pedro e Rafael dizem que escolheram o curso de Licenciatura em Matemática porque se identificaram com os conteúdos durante o ensino médio. A estudante Luisa diz que sempre teve habilidades com desenhos e por ser um curso com muitos recursos visuais se identifica, ou seja, conseguiu ingressar no curso que desejava. O estudante Bruno fez curso técnico integrado ao ensino médio no Colégio Pedro II, no campus Engenho Novo, o curso foi de Desenvolvimento de Sistemas e ele diz como foi a escolha do curso de graduação:

Bruno: E aí fui procurar diversos cursos. Por exemplo, Ciência da Computação, Engenharia da Computação. São vários tipos de curso, e aí eu escolhi Ciência da Computação, porque é um curso de mais lógica, tem matemática, mas eu não tenho interesse em manutenção do computador, eu tenho interesse em programar. Então, antes não era o objetivo de trabalhar, mas quando entrei no curso eu gostei, achei legal, achei bastante interessante (entrevista realizada em 20 de maio de 2025).

Embora os estudantes digam-se satisfeitos com seus cursos, as barreiras que encontraram ao chegar na universidade foram reais, esses apontam como maior dificuldade a ausência de flexibilização nos conteúdos, bem como os textos específicos das disciplinas.

Contudo, os estudantes reconhecem a importância de apropriarem-se dos conteúdos específicos como podemos ver:

Bruno: Por exemplo, na escola existe uma adaptação de material, na faculdade não existe essa flexibilização. Os professores não querem simplificar porque precisa aprender profundo, parece que se simplifica, depois vai para o trabalho e como resolve. Então precisa aprender a teoria mais profunda, também precisei aprender mais sobre português, sobre inglês (entrevista realizada em 20 de maio de 2025).

Luisa: Tem professor que, por exemplo, não quer adaptar o livro, por exemplo, tem que ler um livro para fazer a apresentação. Mas isso é muito pesado. O texto é muito pesado (entrevista realizada em 07 de maio de 2025).

Diante dessas dificuldades, apresentam como essencial os suportes oferecidos pelo Núcleo de Acessibilidade e Inclusão (NAI). Os estudantes relatam que uma das principais dificuldades são com os textos em língua portuguesa, bem como as atitudes dos professores em relação à flexibilidade curricular. Citam as tutorias pedagógicas do NAI, como meio para reduzir essas barreiras, como podemos ver no relato da estudante Luisa:

Luisa: E o tutor, ele me ajuda muito. Mas se eu ler, é quase impossível, porque eu não conheço. Preciso ir no dicionário, conhecer palavras. Eu prefiro o apoio que me ajuda a entender melhor. Se tiver estratégias visuais, é muito importante. Mas eu acho que o negativo é principalmente sobre os professores (entrevista realizada em 07 de maio de 2025).

Como podemos depreender, os suportes como a atuação do TILS são importantes, mas outro recurso que os estudantes apontam como primordial para seus desempenhos acadêmico são as tutorias pedagógicas. Como apontam Ciantelli e Leite (2016), o acompanhamento da atuação desses bolsistas tutores é primordial para evitar que a autonomia e a formação dos estudantes com deficiência não sejam prejudicados. As tutorias em pares apresentam bons resultados como estratégias para redução das barreiras nos conteúdos pedagógicos, trata-se de uma atividade com estudantes do mesmo curso que os estudantes surdos, ou estudantes de outros cursos que dominam determinada área de conhecimento. Essas experiências são relatadas pela estudante Beatriz:

Beatriz: Agora, sobre a tutoria, as tutorias, pra mim é um pouco diferente, porque o tutor é diferente do intérprete, ele me ajuda, por exemplo, a ler um texto, a adaptar matéria, a fazer um cálculo, parece que o tutor, ele me dá a explicação e alguns exemplos, e aí os exercícios, eu mesma faço, ele olha os exercícios pra ver se está certo ou não, então são estratégias boas, o tutor, ele me ajuda, e depois, quando eu vou embora faço os exercícios sozinha e volto pra mostrar se está certo ou errado (entrevista realizada em 14 de maio de 2025).

Pode-se dizer que há uma unanimidade sobre os efeitos positivos das tutorias, mas cabe destacar a experiência vivenciada pelos estudantes surdos do curso de matemática, isso porque em momentos concomitantes um tutor ouvinte sentiu-se motivado a aprender língua de sinais, o que possibilitou aos estudantes aprender o conteúdo na própria língua, vejamos o relato do estudante sobre:

João: Então, na verdade, na turma de ouvintes, tinham alguns colegas que queriam aprender língua de sinais. Aconteceu, por exemplo, o [nome do tutor ouvinte], com esse interesse, ele foi me perguntando em sinais e nós fomos fazendo essa interação. Ele não sabia nada de língua de sinais, ele queria aprender de fato e eu comecei a ensinar alguns sinais para ele. Ele mesmo em casa foi treinando, aprendendo os sinais e se desenvolveu em Libras. Então, ele já chegava falando, bom dia, você está bem? Você tem alguma dúvida? Precisa que eu te ajude? Estudou? Você está com dúvida? E aí aconteceu o quê? Depois dele ter se tornado tutor, foi tutor de teoria dos anéis. E aí não precisava de intérprete, ele mesmo ensinava em língua de sinais. Se ele tivesse dúvida em alguma palavra, eu ensinava o sinal para ele e aí nós íamos trocando, ele foi um ouvinte que aprendeu língua sinais (entrevista realizada em 14 de maio de 2025).

Como mencionado, aconteceu nesse mesmo período a atuação do estudante João como tutor dos demais estudantes surdos, ensinando matemática básica. O estudante Rafael, avalia como foi essa interação com o tutor surdo:

Rafael: O [João] estuda, escreve, escreve matemática, vê, entender, vê, entender, adição, divisão, raiz quadrada, subtração, multiplicação, eu vi, tinha muitos, era bem, bem longo, cansativo, muita coisa, matemática, muito, muito longo, palavras, palavras, matemática, muito, longo, cansativo, escrever, escrever, muito, muito, muito, eu via, entendia, muito (entrevista realizada em 15 de maio de 2025).

Esses relatos, reforçam a importância das tutorias com os pares, no entanto, também foi possível identificar uma análise crítica que o estudante Bruno realizou, referindo-se à necessidade de formação específica quanto a acessibilização de conteúdos para estudantes surdos, aponta para necessidade da seleção de tutores ser melhor estruturada e para um acompanhamento pedagógico mais centrado nas especificidades de linguagem dos estudantes, vejamos:

Bruno: Antes tinha tutorias, mas o tutor parecia que pesquisava, pegava o material pronto e entregava para o surdo. Não era só isso, precisava adaptar para que eu conseguisse entender. Por exemplo, matemática, às vezes o tutor e o professor usavam estratégias diferentes, ensinavam coisas diferentes. Às vezes também o tutor parece que não tem experiência para ensinar surdo. Ok, é aluno, eles são alunos iguais a mim, estão estudando no curso igual a mim, mas parece que precisa orientar quanto ao ensino de surdo. Parece que só, ah, você sabe a matéria? Vem aqui e ensina para o surdo. Não é assim. Precisa explicar as especificidades da pessoa surda para mostrar como pode adaptar o material ali (entrevista realizada em 20 de maio de 2025).

Ainda pensando sobre os suportes necessários para o desempenho dos estudantes, não podemos esquecer dos TILS que sempre aparecem nas falas dos estudantes, fazemos referência a necessidade de uma padronização da seleção dos intérpretes, bem como um melhor alinhamento na atuação desses profissionais. Essa temática se apresenta como um verdadeiro desafio, isso se dá por conta da atuação próxima com esses estudantes e as referências que eles fizeram na entrevista, com muita ética e respeito ao trabalho desempenhado pelos colegas, conseguimos juntos aos estudantes refletir sobre a profissão. Algo que apareceu com o estudante Bruno, foi a atuação de bolsistas TILS e a precarização da

profissão que influencia diretamente no processo de aprendizagem, importante destacar que a contratação de bolsistas se dá pela ausência do cargo no poder executivo federal, atualmente o NAI possui em seu quadro dez tradutores-intérpretes com contratos terceirizados. Todavia, vejamos os apontamentos que o estudante fez:

Bruno: Por exemplo, tem os intérpretes, mas parece que a seleção para trabalhar como intérprete, parece que escolhe qualquer pessoa como intérprete, às vezes estagiário ainda, que não tem experiência na área. E aí eu fico pensando, é no ensino superior, isso é sério, isso não é uma brincadeira. Parece que perco tempo, me sinto prejudicado, parece que minha nota diminui em relação a isso. Tem alguns intérpretes bons, que são experientes, mas tem alguns que não (entrevista realizada em 20 de maio de 2025).

Outras questões sobre os TILS aparecem quanto ao seu posicionamento na sala de aula, o estudante Bruno faz apontamentos quanto a avaliação, que também foi reforçado pela Luisa que cita a falta de fluência de alguns profissionais. Contudo, juntamente com esse apontamento a estudante fala sobre algumas ações dos TILS que nos alerta para a necessidade de formação continuada, para o aperfeiçoamento das práticas.

Luisa: Mas, por exemplo, quando a gente pensa sobre o tradutor-intérprete, vou falar a verdade. Parece que não tem uma qualidade na língua de sinais. Eu gosto da língua de sinais, mas parece que a falta de proficiência me atrapalha, por exemplo. “Que sinal é esse? Ah, espera, eu vou parar e vou pesquisar no *YouTube*”. Perco a informação. O professor continua falando direto enquanto a intérprete está pesquisando. É claro, não tem como saber todos os sinais. Falta a gente aprender sobre. Vamos aprendendo palavras e sinais aos poucos. Mas eu acho que, principalmente, é isso. É a proficiência dos intérpretes, eles sabem a língua de sinais, mas eu acho que essa questão específica é um pouco complexa. Eu acho que precisa melhorar a qualidade dos intérpretes (entrevista realizada em 07 de maio de 2025).

O que talvez ocorra, é o desconhecimento de algumas técnicas por parte dos TILS que atuam com esses estudantes. A estudante Beatriz, cita que os professores ouvintes estranham a presença do TILS na sala de aula e narra uma situação em que o profissional se posicionou junto a estudante em uma apresentação de seminário, ao invés de ocupar um lugar próximo ao professor para realizar a tradução na forma de “sopro”, ou em um local na sala onde sua tradução em língua portuguesa pudesse ser ouvida pelos demais na sala. Dessa forma, percebemos a necessidade de formação continuada e alinhamento da equipe de Libras para um melhor atendimento dos estudantes surdos.

Quando perguntados sobre suas avaliações e os suportes oferecidos pelo NAI, apontam para as tutorias e os intérpretes, principalmente. Destacaram a necessidade de profissionais com conhecimento da Libras, para um atendimento com mais assertividade, mas também destacaram a atuação positiva do NAI em outros aspectos da universidade como a construção de rampas de acesso no Instituto de Educação em Seropédica, o acesso prioritário ao restaurante universitário e as placas com os nomes de alguns prédios no campus. Essas

ações são exemplos da atuação do NAI, bem como a aplicação e execução do Plano de Acessibilidade da UFRRJ.

As avaliações ficaram entre bom e muito bom, uma estudante não soube responder, por não ter a dimensão sobre NAI, isso porque a estudante tem pouquíssimo contato com o Núcleo, sendo o contato maior com os TILS do seu curso e os professores que têm conhecimento sobre a especificidade da educação de surdos, por tratar-se do curso de Educação Especial. Um estudante avaliou, no momento da entrevista, os suportes como sendo ruim, isso se deu pela ausência de intérpretes no início do período, o talvez o fez relembrar suas experiências na educação básica.

3.3 O que significa esse sinal?

Ao pensarmos na apropriação conceitual de estudantes surdos, nos aproximamos do que Oliveira (2016) diz sobre o processo de construção de significados, que passam pelas experiências pessoais. Assim, a construção de novos sentidos está diretamente ligada à dinâmica social e cultural, tratando-se de estudantes adultos podemos pensar o processo de aquisição de conceitos, em seus respectivos cursos como uma coleção de conteúdos que vão ganhando sentido ao passo que os estudantes avançam nos componentes curriculares. O conhecimento já adquirido no cotidiano, passa a ser incorporado na sala de aula pelos estudantes. Veremos a seguir como o contato prévio de determinado conhecimento contribui para o amadurecimento dos conceitos científicos.

Uma das primeiras observações, diz respeito à transmissão dos conteúdos em língua de sinais e como a ausência de sinais na sala de aula interfere no processo de aprendizagem. Isso ocorre, porque os estudantes precisam criar os sinais, visto que em seus cursos de bacharelado e principalmente em cursos na área das exatas, existe a carência de vocabulário em Libras. Vejamos a seguir o diálogo com a estudante Luisa sobre os conceitos na arquitetura, o que se segue, representa o passo a passo para o amadurecimento de conceitos e como a palavra, o sinal e o conceito influenciam diretamente nesse processo.

Luisa: A estratégia de datilologia não é boa, parece que datilologia dá trabalho, e aí você fica perguntando, o que é? Mas quando se cria o sinal, parece que diminui o trabalho, por exemplo, a gente usa a escala de régua, teve que mudar esse sinal, porque o sinal de régua é esse, então tive que criar esse sinal, [M régua].

P: É escala?

Luisa: Não, escala de metro.

P: Então tem as escalas de metro.

Luisa: Isso, exatamente, foi um sinal que eu criei, também tem a escala, que é outro tipo, a palavra só escala é esse sinal, e esse sinal é régua, então é um sinal que eu criei aqui, é uma estratégia que eu consigo entender rápido, não precisa toda hora falar, régua, escala, ah, fez esse sinal, já entendi, porque aí combina pegar o material certo.

P: Ah, porque tem tipos de escala, não é verdade?

Luisa: Porque senão vai usar régua, escala, é, e aí eu acabo pegando o material errado, e aí eu precisei criar o sinal.

P: Então, por exemplo, as palavras em português, escala por metro, só escala.

Luisa: Sim, e aí tem a ver com o número, o tamanho que a gente vai usar ali pra alguma coisa, e aí metro é algo...

P: Então... E aí esse é o sinal de régua também, mas também é o sinal.

Luisa: Isso é o sinal do meu curso de arquitetura (entrevista realizada em 07 de maio de 2025).

Neste caso, foi possível perceber as estratégias que a estudante utilizou tanto para diferenciar os tipos de escala, como trouxe a reflexão sobre a criação de sinais distintos para cada conceito, também relata que a escrita das palavras, ou seja, a datilologia pouco contribui para a assimilação. Outro exemplo sobre a criação de sinais, foi relatado pelo estudante João, ele diz que pesquisou e não encontrou um sinal para a disciplina de teoria dos anéis, e que recorreu a representação conceitual para criar o sinal. Nesse caminho, o estudante exemplifica como foi a criação do sinal em outra disciplina e o porquê criou o sinal, vejamos:

João: Olha, em Teoria dos Anéis, é adição e multiplicação, a Teoria dos Grupos é só multiplicação, e aí achei muito diferente, muito diferente, não tem adição, é só multiplicação, consegui entender o conceito e entendi que os grupos significam multiplicação.

Porque a Teoria dos Anéis, parecia que eu estudava os conceitos e as propriedades eram um pouco misturadas, quando eu organizava a tabela, fazia essa alteração, fazia permutação, era de uma forma cíclica, ele sempre voltava, sempre aparecia a multiplicação, a multiplicação aparece várias vezes na Teoria dos Grupos, não tem adição, não tem divisão, subtração, não tem, é só multiplicação, o professor falou, é só multiplicação, e aí pensei, ah, ok, combina com esse sinal (entrevista realizada em 14 de maio de 2025).

Nesse processo de apropriação de conceitos, esbarramos com o relato do estudante Rafael, ele cita que já havia sido reprovado duas vezes na disciplina de cálculo II. Antes de iniciar a entrevista, o estudante demonstrou empolgação ao iniciar o diálogo falando sobre sua atual experiência na disciplina. Apesar da dificuldade comunicacional e os conteúdos muito específicos da matemática, o estudante explica o que tem aprendido e aplicado na disciplina e também demonstra a importância, novamente, das tutorias pedagógicas como estratégia exitosa na acessibilização do conteúdo.

Rafael: Eu estava falando, que esses são em 3D, e aí tem, por um lado é positivo, por outro é negativo, no eixo Y também, positivo, para baixo é negativo, e aí tem que desenhar, o eixo, por exemplo, se a circunferência está para cima, ou uma circunferência, qual o lado dessa circunferência, também as curvas que não se tocam, tem que desenhar, é algo desenhado, e aí eu vejo, vou tentando, tentando, vejo, número, ver, tento, muitos, ver, entender, professor, entender é bom, eu ver, entender, desenho, ouvinte, surdo, ver, entender, cálculo dois, entender, ver, entender.

Rafael: Bem, o desenho nos eixos, as circunferências, se é para positivo, se é para o lado, se está tendendo para o lado direito ou esquerdo, se é no eixo positivo ou negativo, todas essas coisas, a elipse, estudo, escrever papel, ver, tutor, escrever, apoio, elipse, escrevi, desenhiei no quadro, para cima, para baixo, elipse, desenho, ver, ah, entendi, entendi, tutor, ver, junto, volta, junto, volta, boa tarde, à tarde, volta,

ver, e entender, ver e entender, todas as quartas-feiras (entrevista realizada em 15 de maio de 2025).

O estudante demonstra como a mediação foi importante nesse processo, algo interessante também, é a ação do tutor em permitir que o estudante vá até o quadro para realizar o exercício e praticar a aplicação do cálculo nos desenhos em 3D. Outro ponto necessário para essa apropriação é a repetição por meio de listas de exercícios ou outras estratégias, como é o caso da estudante Beatriz, que cita a análise de árvores em outros momentos que não apenas na sala de aula. Sobre as experiências dessa estudante em seu curso, a mesma explicou como foi a apropriação dos conceitos estudados em dendrologia, vejamos sua explanação sobre o conteúdo:

Beatriz: Então é orgânica, sistêmica e dendrologia. São três contextos, os três andam juntos e eu gosto mais da dendrologia. A dendrologia, ela é parecida com o estudo das árvores, por exemplo, você vai e faz a avaliação da árvore, você pega uma parte, coloca na lente e vê pelo microscópio. O objetivo é encontrar as características, os detalhes, aí a dendrologia, eu escolho, por exemplo, as árvores muito altas e aí eu vou fazendo aquelas pesquisas sobre a árvore e vou colocando essas características (entrevista realizada em 14 de maio de 2025).

A estudante segue sua explicação, e utiliza conhecimentos cotidianos para exemplificar como funciona a descoberta do sexo das plantas, isso em um contexto que as plantas fêmeas produzem frutos e as ditas machos não produzem. Vamos observar como a estudante desenvolve a estruturação de tal conceito:

Beatriz: Isso é bom saber, porque, por exemplo, a flor. Você pega qualquer flor. E aí a característica da flor, o professor não fala. Eu tenho que abrir, olhar no microscópio para identificar.

Beatriz: Sim. E aí eu abro e descubro, por exemplo, se é macho ou fêmea. Pode ser que tenha algo diferente no microscópio. É como o humano, tem a diferença do macho e da fêmea, masculino e feminino. Depois eu descubro as características.

Beatriz: E essas características são masculinas, essas características são femininas. E isso são características específicas. Por exemplo, dá para saber também se a planta está grávida. É uma das experiências. É macho ou fêmea, se está grávida, como funciona a reprodução. São essas características que olho na orgânica. A sistêmica, eu pego a flor. E antes, eu já descobri se é macho ou fêmea. Ah, ok. E aí agora eu preciso descobrir as características (entrevista realizada em 14 de maio de 2025).

No final da conversa com os estudantes Beatriz e João surgiu uma dúvida quanto um sinal utilizado pelos estudantes, que foi compreendido de outra forma pelo pesquisador, e os estudantes então explicaram o sinal e que o utilizam para identificar a escrita no português, vejamos como se deu:

P: Certo, vocês usaram esse sinal, que sinal é esse?

João: Preparar.

Beatriz: Preparado.

P: Ah, esse sinal, preparar? Preparar, ah, sim, é preparar. Eu vi vocês utilizando “preparar” e eu falei, eu preciso perguntar, porque eu não conhecia esse sinal, porque eu conheço esse sinal como povo, população, muitas pessoas.

João: Entendi, é verdade.

Beatriz: é verdade.

João: E como você utiliza o sinal para organizar? É assim?

P: É o mesmo conceito, é o mesmo sentido, são palavras, são sinônimos, têm o mesmo sentido. Por exemplo, eu falo para você, vai preparar, por exemplo, preparar, arrumar a casa, sim, é, olha, eu posso utilizar, olha a frase como é diferente, mas é o mesmo sentido. “Preparar a roupa”. Por exemplo, vou tomar banho e aí eu posso utilizar o preparar. Vou preparar, vou tomar banho, e aí organizar. “Organizar a casa”, é, por exemplo, eu vou receber uma visita e aí eu vou “organizar a casa”, ah, organizar para receber em casa, visita, são palavras diferentes, mas o contexto é parecido.

Beatriz: Sim, preparar e organizar é o mesmo sinal.

P: Lembra que nós estávamos conversando sobre sábado e laranja?

Beatriz: Isso, é verdade, é o contexto...

P: É bem parecido, isso é igual, são palavras diferentes, mas o conceito e o sinal é o mesmo, o sentido é o mesmo.

João: É, nós inventamos, é o nosso contato (entrevistas realizadas em 14 de maio de 2025).

Aqui, foi possível dialogar com os estudantes e perceber o que fazem para se apoiarem na língua portuguesa e aprenderem novas palavras. O diálogo continuou com o estudante João citando a variedade linguística e justificando que criaram o sinal para facilitar a comunicação entre eles, isso ajuda a compreender que é por meio da língua de sinais que os estudantes fazem as associações do português escrito (PRADO, 2017). Cabe destacar que o assunto era o processo de organizar o trabalho de conclusão de curso, os estudantes utilizaram o verbo “preparar” mesmo conhecendo a palavra “organizar”, isso mostra a importância do contato com o texto escrito bem como o uso social das palavras, nos aproximando do conceito de letramento.

Outra questão, não menos importante, é a interação com os colegas majoritariamente ouvintes. Anteriormente, vimos o relato dos estudantes surdos que contaram suas experiências com o par surdo assumindo o papel de tutor pedagógico, agora veremos como se deu a experiência dos estudantes Beatriz e João quanto a atuação como bolsista no museu do Instituto de Química e João como tutor de matemática básica.

Beatriz: Bem, eu participei de um projeto na Química, eu não era estudante da Química, mas a responsável, professora [nome da docente], esse é o sinal, ela me convidou, vamos participar de um projeto na Química, para você criar os sinais em libras dos equipamentos, eu achei muito interessante, eu aceito, eu quero, e aí eu fiz a inscrição, e depois eu tive o apoio do intérprete [nome do intérprete], da [nome discente] e do [nome do discente], que são estudantes da Química, para criarmos os sinais, fazermos essa troca para ver se era bom e fazer a gravação em língua de sinais, depois fazer a organização para ficar exposto, por exemplo, o material está lá e o QR Code com vídeo do lado.

Também me convidaram para ir no INES, para fazer a apresentação de alguns equipamentos do projeto, eu achei bem interessante, gostei bastante, eu me senti muito bem participando disso, fiquei feliz porque eu consegui me expressar, isso foi muito gostoso, as pessoas me veem em língua de sinais, fazendo língua de sinais, e parecia muito bom eu dar nesse conhecimento, isso foi muito bom para mim, eu gostei demais, eu gostei muito de participar.

Também houve eventos que me chamaram, participar de reuniões, ver o que precisava ser consertado, e eu me senti muito bem, parece que me deu uma vantagem, mostrei o que eu posso mostrar, tenho algo para mostrar.

João: Então, me chamaram para ser tutor da Matemática, ensinar os estudantes surdos, o grupo de surdos, ouvintes não, apenas estudantes surdos, porque não precisava de intérprete, eu conseguia fazer essa comunicação direta, utilizar materiais visuais, jogos, fazer adaptações na escrita do quadro, as frases não eram iguais aos dos ouvintes, era algo um pouco diferente, mas era uma forma básica de esclarecer, usar cores, organizar os cálculos, mostrar o que significa, e aí eu usei bastante material visual uma diversidade de cores, eles gostaram bastante, aí se eles tinham dúvida com o conceito, com alguns exercícios, eu pensava isso, matemática básica, para explicar para eles de forma visual, se tivesse dúvida, eles poderiam levantar a mão e perguntar, e aí eles mesmos iam consertar, ah, eu não entendi, por exemplo, eu utilizei o material, as tampinhas de garrafa visuais, igual ao quadro, para mostrar o que significa.

Então, os estudantes foram aprendendo, entendendo, e aí falou, posso utilizar outras cores para escrever? Claro que pode, isso ficou mais claro para os estudantes surdos, eles gostaram, nós fazíamos a comunicação, e eu dizia que eles precisavam se esforçar, e precisa de muita paciência, porque cada um é diferente, escolhe o material que fica mais adequado a você, se tiver dúvida, eu dava atenção ali, e isso foi muito bom para mim, porque eu fico pensando no futuro de outros surdos ao entrarem na universidade, agora eu não consigo, porque tem a questão de horário, a grade com as disciplinas, eu preciso ter um foco maior, mas eu quero continuar, mas agora no momento eu não consigo (entrevistas realizadas em 14 de maio de 2025).

Essas ações são muito importantes, tanto no que diz respeito a cultura de inclusão na universidade, como contribui para a competência intercultural dos estudantes. O estudante Bruno também relatou sua experiência com os colegas ouvintes no Instituto Multidisciplinar, e embora levante o questionamento sobre os reais ganhos nessa interação, ele reflete sobre a visão que se tem sobre o ensino da Libras. Em todos os casos ocorre um envolvimento e desenvolvimento das habilidades comunicativas interculturais. A este respeito Dutra e Ferreira (2024), indicam que essa interação entre pessoas de culturas distintas contribuirá para o desenvolvimento das competências comunicativas. No caso da interação entre os surdos na tutoria de matemática, percebemos que João cita as estratégias de organizar o desenvolvimento de cálculos com materiais como tampinhas de garrafa e utilização de cores no quadro para facilitar a aprendizagem de seus pares, dando pistas de estratégias que podem ser utilizadas no cotidiano educacional.

Com os relatos, foi possível observar que apesar dos suportes oferecidos pelo NAI, por exemplo, serão pouco eficazes se não houver uma participação ativa dos estudantes no processo formativo. O envolvimento na pesquisa por sinais ou a criação, é extremamente importante para a aprendizagem de um novo conceito, além disso é importante ressaltar a atividade de repetição para melhor aquisição do conhecimento. Outra coisa que gostaríamos de destacar é a utilização de ferramentas de tecnologia como o *Chat GPT*, que embora não seja nosso objeto de pesquisa, foi citado por quase todos os estudantes como facilitador de aprendizagem, principalmente na compreensão dos materiais pedagógicos disponibilizados

pelos professores como textos em PDF e apresentação em *powerpoint*, os estudantes dizem que utilizam para transformar o conteúdo em uma linguagem simplificada para surdos.

A partir do exposto, pode-se pensar o uso da inteligência artificial com recurso de tecnologia assistiva para estudantes surdos. Também percebemos que uma cultura universitária que estimula a participação dos estudantes surdos, onde esses possam ser protagonistas no processo de formação de uma sociedade mais inclusiva, os aproxima da cultura em que todos estamos incluídos, seja na interação com os ouvintes ou com surdos, contribui para sua formação acadêmica, pessoal e principalmente humana.

3.4 O futuro que os surdos desejam

Ao pensar sobre a perspectiva de futuro com os estudantes, tivemos algumas diferenças sobre seus projetos de vida ao concluírem a graduação. Esbarramos primeiramente com o estudante Pedro, que por ser seus primeiros meses no ambiente universitário não soube responder como se vê nos próximos anos. O estudante Rafael apresentou um pouco de dificuldades para elaborar o pensamento sobre o futuro, mas conseguimos perceber que o mesmo tem o desejo de seguir na carreira como licenciado em matemática. A estudante Camila, diz que deseja realizar complementação pedagógica na área da educação artística, e fala da possibilidade de unir a educação especial e as artes para estimular a expressão da subjetividade, além disso comenta sobre a mudança na cultura escolar, vejamos o que ela diz:

Camila: Quero ensinar estudantes a se desenvolverem, mas eu fico pensando, antes, quando eu era aluna, faltavam professores, parecia algo muito básico, muito falho, nós éramos obrigados a copiar, não existia uma espontaneidade, uma liberdade, não tinha estímulo. Gostaria que isso fosse livre, não só copiar, adaptado, parece que essa sensação de estar certo ou errado deixa incomodado, e não quero pensar em um futuro como esse, penso em um futuro diferente (entrevista realizada em 30 de abril de 2025).

Nessa mesma direção de refletir sobre um futuro melhor e mais inclusivo, Luisa reflete sobre como acha que será seu futuro no mercado de trabalho e traz uma reflexão sobre o olhar capacitista, que cria barreiras sociais e no mercado de trabalho, vejamos seu relato:

Luisa: Bem, é difícil, antes eu já pensei muito nisso, como será o futuro depois que eu me formar, como vai ser isso, eu já conversei até com alguns intérpretes sobre, agora, no momento, para conseguir trabalho, pessoas PCD, existem muitas barreiras, somos obrigados a oralizar, por exemplo. Eles acham que se o surdo não sabe oralizar, precisa ter intérprete, na verdade, não, o surdo, ele consegue se comunicar com o português de outras formas, mas se precisar de reunião, sim, precisa de intérprete, e fico pensando, tomara que isso melhore, principalmente na área da arquitetura, ou eu vou trabalhar de forma autônoma, ou, tomara, eu tenho desejo de melhorar isso, diminuir as barreiras, então, é o meu desejo (entrevista realizada em 07 de maio de 2025).

A estudante Beatriz, aponta que não tem certeza de qual área escolherá, mas se diz desejosa de realizar seu trabalho de conclusão de curso sobre sua trajetória no curso de

engenharia florestal, pretende apresentar seus desafios e quais estratégias utilizou para desenvolver o conhecimento da área. O estudante João, quando perguntado sobre seu futuro, refletiu criticamente a forma que ouvintes e surdos aprendem, e também nos diz o que deseja fazer no TCC e com o que trabalhar.

João: Igual o ouvinte, quando eu estou estudando o livro, eu não estudo igualmente, é algo diferente. Então, tenho que criar o conteúdo, criar os conceitos em português, por exemplo, os verbos, para conseguir escrever de forma clara, e aí eu fico pensando, por exemplo, na álgebra, como adaptar para ficar mais visual para o surdo. Eu como surdo, organizar esses conceitos, como isso fica bom, como fica ruim, e criar uma álgebra diferente para os surdos, adaptar isso, organizar de forma mais clara para ensinar, porque eu gosto de estar sempre buscando disciplinas, cálculo um, dois, três, e pensando como adaptar isso para o surdo. Os ouvintes, eles aprendem isso de forma mais profunda, e o surdo é diferente. Fico pensando, quando entrar numa escola e precisar ensinar o aluno surdo, conseguir ter essa facilidade, porque os ouvintes, eles têm dificuldade, mas o surdo tem muita dificuldade com verbo e etc. Então, eu quero ser professor, é o meu sonho, fazer um concurso, pode ser em qualquer lugar, é um desejo meu pensar em passar em um concurso público (entrevista realizada em 14 de maio de 2025).

O estudante Bruno, citou que também deseja realizar concursos públicos na sua área e reflete sobre o olhar que o discurso da comunidade surda de que surdos devem ensinar e desenvolver tecnologia para eles, vejamos o relato do estudante:

Bruno: Então quanto ao futuro, eu quero trabalhar, tenho vontade de trabalhar. Eu já falei antes, não quero falar sobre o que quero trabalhar no futuro, mas eu não quero só ajudar o surdo, porque às vezes os surdos, eles pensam, por exemplo, alguns surdos, ah, quero tecnologia, quero me formar em ciência da comunicação para pensar em tecnologia para ensinar ao surdo. E aí os surdos pensam, você pode no futuro? Me perguntam, você pode ser professor no futuro? Eu penso, posso, mas não é meu interesse ser professor, não é meu interesse ensinar. Eu só quero trabalhar com o que gosto, não me vejo ensinando. Ok, alguns surdos querem aprender sobre tecnologia, mas esse não é o meu objetivo, falar sobre isso (entrevista realizada em 20 de maio de 2025).

Como podemos perceber, a formação desses estudantes tem sido importante para a universidade. Temos muitos perfis de estudantes, os que desejam ensinar seus pares surdos, os que se sentem desejosos de uma mudança na cultura social, no que diz respeito ao olhar sobre as pessoas com deficiência. Também observamos a quebra de um paradigma de que surdos devem ser professores de surdos, essa mudança começa com a escolha dos cursos distintos de licenciaturas em pedagogias e letras-libras, mas também observamos nos discursos dos estudantes Luisa e Bruno, por exemplo, que desejam atuar em suas áreas independentemente da surdez, aproximando-se de uma verdadeira inclusão.

Ao indagar os estudantes se gostariam de acrescentar algo, os estudantes Beatriz e João, comentam sobre a possibilidade de tutorias entre pares surdos, na verdade comentam sobre a dificuldade de encontrarem espaços na universidade que possam utilizar para fazer o que concordamos chamar de grupo de estudo. Segundo os estudantes, essa ação facilitaria o

processo de aquisição da língua de sinais por parte dos estudantes que têm dificuldades na L1, bem como permitiria que fosse criada uma cultura de interação e estímulos para o grupo. Também citam que gostariam que a universidade realizasse o projeto de extensão de português escrito para surdos, proposta que já foi apresentada para eles, por meio do NAI, mas que não houve continuidade do mesmo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo principal analisar a trajetória de estudantes surdos no ensino superior, com base no letramento bilíngue. Para isso nos baseamos na teoria da perspectiva histórico-cultural, nos estudos sobre o letramento e o bilinguismo cultural. Ao longo do trabalho, discutimos o processo de construção de identidade e desenvolvimento do letramento dos estudantes surdos e como isso influencia o ingresso e progresso no ensino superior.

Os dados permitem afirmar que no conhecimento comunicativo, não existe homogeneidade no ensino de surdos. Tal aspecto, ficou evidenciado com a trajetória dos estudantes. Observamos, por exemplo, que a língua de sinais é parte fundamental para o desenvolvimento das funções psicológicas superiores. Nesse sentido, esbarramos com a falta de ações estruturadas no contexto educacional e ausência da Libras por parte de alguns estudantes, sendo a universidade o primeiro espaço com educação estruturada, com acesso a Libras, que tem oportunizado a inclusão desses sujeitos na sociedade.

Outro dado que chama atenção, diz respeito ao debate de gênero, por exemplo, percebemos que a quantidade de estudantes do sexo masculino é maior que a do gênero feminino. Outro marcador importante foi o duplo estigma que foi apresentado quanto à questão racial, que antecede qualquer possibilidade de expressão linguística, contribuindo para outras barreiras sociais. Por outro lado, pensando sobre o pensamento conjuntivo, cuja intenção é perceber coisas em comum do grupo estudado, encontramos o desejo de transformação social entre os jovens surdos, o que interfere diretamente no contexto educacional. Nesse sentido, percebemos que os jovens participantes da pesquisapossuem forte desejo de ressignificar o passado de negação de direitos, em uma sociedade com mais equidade.

Com os relatos, percebemos que a consolidação da língua, seja em salas de aula bilíngues, seja com o par surdo é fundamental para o desenvolvimento cognitivo no processo de inclusão, neste aspecto a Libras é central no aprendizado dos surdos. Embora os estudantes apresentem resistência quanto ao português, a apropriação da escrita foi reconhecida como necessária na academia e futuramente na atuação profissional. Nota-se, que em meio ao contexto de ausência de sinais para palavras em português, os estudantes criam sinais, o que contribui para a aquisição de novo conceito.

Importante destacar o papel da acessibilidade comunicacional, neste aspecto, pensar a acessibilidade linguística e o porquê escolhemos um termo e não outro, ocorre justamente por entendermos que a oferta de comunicação extrapola o uso exclusivo da língua. Podemos

observar que os estudantes citam, por exemplo, a importância das tutorias ofertadas pelo NAI, o que ajudou a compreender que as ações do Núcleo vão muito além da oferta dos intérpretes, mas também a oferta de ações pedagógicas e formativas.

Segundo os dados, o apoio pedagógico e o envolvimento da comunidade universitária favorecem a inclusão educacional desses estudantes, mesmo que essa cultura ainda dependa de ações e iniciativas, muitas vezes individuais dos docentes. Para tal, sugerimos que a formação continuada para os profissionais da universidade continue presente na atuação do NAI.

Outras ações necessárias, dizem respeito à formação de profissionais para atuar com os estudantes surdos. Aqui nos referimos a formação dos tutores e, também, a dos intérpretes de Libras, profissão que tem sido muito precarizada nos últimos anos, sobretudo, com o aumento das terceirizações que não permitem o progresso na carreira funcional, influência direta da extinção do cargo pelo poder executivo federal.

Em que pese o esforço do NAI em apoiar os estudantes, é possível dizer que ainda existe a necessidade de acompanhamento pedagógico mais próximo aos estudantes. Aqui gostaria de destacar a importância de profissionais com conhecimento da língua e do desenvolvimento dos estudantes surdos. Isso poderá melhorar o desempenho acadêmico deles. Igualmente, poderá fomentar e potencializar redes colaborativas na universidade tornando o espaço acadêmico mais acessível e inclusivo.

A pesquisa nos ajudou também a discutir sobre o que orienta a experiência dos estudantes. Vemos que os marcadores sociais de surdez, raça, gênero, idade, local de moradia, acesso à educação pública e condição social, estão diretamente ligada às suas vivências acadêmicas e as perspectivas de vida. Essas características estão relacionadas a visão de mundo dos estudantes. Isso também inclui a reafirmação por uma educação que a língua de sinais seja presente, mas que também tenham meios para desenvolver uma língua portuguesa capaz de expressar suas ideias. Com isso, queremos dizer também sobre a importância da não estigmatização da escrita dos surdos e que não haja uma cobrança excessiva da escrita padrão.

Nosso foco, foi o ensino superior, mas a temática da educação básica retornou em muitos momentos apresentando suas fragilidades no processo de inclusão. A ausência da qualidade de ensino e da acessibilidade, esses são os principais entraves da inclusão dos surdos no contexto educacional. Todavia, observou-se que, com a oferta de suporte adequado (como profissionais qualificados e currículo acessível), é possível alcançar o desenvolvimento linguístico e acadêmico.

Por último, retornamos ao ensino superior para destacar a importância da universidade

pública, em especial da UFRRJ que tem possibilitado a exploração de novas áreas de estudos na Baixada e, principalmente, na educação de surdos. Assim como esbarramos com a escassa literatura na temática de surdos no ensino superior, nas periferias e em cursos distintos, ocorre também como os estudantes que enfrentam a dificuldade de encontrar sinais e assimilar a ausência de conceitos em língua de sinais em seus cursos. Os próprios estudantes são os primeiros surdos em suas áreas, como também foram os primeiros estudantes surdos da UFRRJ, o que impulsiona a mudança de perspectiva da universidade. Isso tem sido possível com o papel político e pedagógico assumido pelo NAI na UFRRJ. Esses estudantes surdos, são o início de uma transformação de cultura na instituição.

A realização desta pesquisa trouxe muitas reflexões e atravessamentos pessoais, seja por ser jovem, por ser periférico, por ser ouvinte, por ser fruto da educação pública no país. Em muitos momentos, vieram as perguntas do porquê estudar a educação de surdos, e junto a isso muitas inseguranças quanto a capacidade teórica, e até mesmo o discurso de ser um ouvinte pesquisando educação de surdos ecoava em meus pensamentos. Mas novamente retorno ao território dessa pesquisa, nascer, crescer e estar na Baixada Fluminense estimula de certa forma a querer um “mundo melhor”, uma sociedade em que as diferenças sejam aceitas como traço indissociável do ser humano e a garantia de direitos seja uma realidade para todos sem distinção.

Também houve muita reflexão sobre a oferta de uma educação pública que garanta o direito de seus educandos, e com isso a ampliação não somente de instituição no sentido físico, mas também na qualidade de ensino. Foi uma pesquisa que embora, sua temática principal seja o ensino superior, voltamos em muitos momentos na oferta da educação básica, e sempre voltava a pergunta do porquê os surdos não terem seus direitos sociais respeitados, mas então ecoava-se na cabeça a ideia que não é somente este grupo ou outro, precisamos de ofertas igualitárias para todos e todas os/as brasileiros (as).

Discutir a educação de surdos, na Baixada, atravessa muito mais do que o ensino de duas línguas, está envolvido toda uma estrutura social que interfere diretamente no desenvolvimento dos sujeitos que residem nesse território. E novamente nesse contexto, o acesso aos serviços de saúde, educação e assistência social, primordiais para o desenvolvimento da população menos favorecida, possui pouco investimento público, mas que apesar disso tem possibilitado que jovens se formem e ingressem no ensino superior. O que queremos dizer é que a Baixada apresenta uma série de desigualdades e injustiças que afetam a educação e o desenvolvimento humano, o que separa as experiências pessoais do público pesquisado e que faz toda a diferença, é a surdez.

Durante a construção do trabalho, investigamos temáticas que até então não tínhamos domínio. Em outros termos, o trabalho também foi um processo de letramento no contexto bilíngue. A perspectiva histórico-cultural, afeta diretamente na reflexão do porquê pesquisar a educação de surdos. O curso de graduação em pedagogia bilíngue foi apenas a possibilidade de ingressar no ensino superior e mudar a realidade de baixa escolarização familiar, contudo, por natureza o desejo de lutar por uma sociedade mais justa, instiga a ação desde a mais tenra idade. Desta forma, criou-se um tipo diferente de sujeito ouvinte que tem formação na área da educação de surdos e que se preocupa com os rumos que a oferta da educação pública tem tomado.

A inclusão de surdos na sociedade precisa ser discutida amplamente e com seriedade. Estamos formando sujeitos bilíngues biculturais, o que demanda o envolvimento, a imersão e a interação com os dois contextos culturais. No entanto, não podemos esquecer de formar também a sociedade, não existirá inclusão se não houver também uma mudança de postura para com essas pessoas. Outra coisa, não menos importante, é a acessibilidade que não pode ser pensada apenas para reduzir as barreiras linguísticas, mas também as barreiras atitudinais que impeçam o desenvolvimento integral dos surdos.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, S. M. **Bilinguismo: culturas e sistemas de expressão em contato**. In: SENNA, Luiz Antonio Gomes. (Org) Bilinguismo Cultural: estudos sobre culturas em contato na educação brasileira. Curitiba: Appris Editora, 2021.
- ASPILICUENTA, P.; LEITE, C. D.; ROSA, E. C. M. C. A questão linguística na inclusão escolar de alunos surdos: ambiente regular inclusivo versus ambiente exclusivamente ouvinte. Relato de Pesquisa • **Rev. bras. educ. espec.** 19 (3) • Set 2013.
- ATTY, T. O. Q. **Considerações acerca da cultura, sociedade e aprendizagem na perspectiva vygotskyana**. In: SENNA, Luiz Antonio Gomes. (Org) Bilinguismo Cultural: estudos sobre culturas em contato na educação brasileira. Curitiba: Appris Editora, 2021.
- BRASIL. Lei nº 14.191, de 03 de agosto de 2021. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para dispor sobre a modalidade de educação bilíngue de surdos. **Diário Oficial da União**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2021. Acesso em: 12 fev. 2024.
- BRASIL. Lei nº 13.146, de 06 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). **Diário Oficial da União**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015>. Acesso em: 12 fev. 2024.
- BRASIL. Lei nº 13.409 de 2016. Altera a Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012, para dispor sobre a reserva de vagas para pessoas com deficiência nos cursos técnico de nível médio e superior das instituições federais de ensino. **Diário Oficial da União**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/lei/L13409.htm. Acesso em: 12 fev. 2024.
- BRASIL. INEP. **Referenciais de Acessibilidade na Educação Superior e a Avaliação in loco do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior – SINAES**. Julho, 2023.
- BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. **Diário Oficial da União**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm>. Acesso em: 19 abr. 2024.
- BRITO, L. F. **Integração social e educação de surdos**. Bebel Editora. Rio de Janeiro, 1993.
- CAMPELLO, A. R.; REZENDE, P. L. F. Em defesa da escola bilíngue para surdos: a história de lutas do movimento surdo brasileiro. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, Edição Especial n. 2/2014, p. 71-92. Editora UFPR.
- CASTRO, M. G. F. KELMAN, C. A. Práticas Pedagógicas Inclusivas Bilíngues de Letramento para Estudantes Surdos. Relato de Pesquisa. **Rev. bras. educ. espec.** 28. 2022.
- CIANTELLI, A. P. C.; LEITE, L. P. Ações exercidas pelos núcleos de acessibilidade nas universidades federais brasileiras. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 22, p. 413-428, 2016.

FERNANDES, S.; MOREIRA, L. C. Políticas de educação bilíngue para estudantes surdos: contribuições ao letramento acadêmico no ensino superior. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n. especial 3, p. 127-150, dez. 2017.

FLEXOR, G. G.; RODRIGUES, A. O.; SILVA, R. D. Religião e preferências econômicas e políticas entre jovens universitários da periferia: um estudo exploratório na Baixada Fluminense. Articles • **Sociologias** 22 (53) • Jan-Apr 2020.

FORTES, A. Explorando os potenciais da história digital: A experiência do Centro de documentação e imagem da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – Campus Nova Iguaçu. Artigo • **Estud. hist.** (Rio J.) 33 (69) • Jan-Apr 2020.

GESUELI, Zilda Maria. **A escrita como fenômeno visual nas práticas discursivas de alunos surdos**. LODI, A. C. B; MELO., A. D. B.; FERNANDES, E. (Org.). Letramento, bilinguismo e educação de surdos. - 2. ed. - Porto Alegre: Mediação, 2015.

GLAT, Rosana; FERNANDES, E. M. Da Educação Segregada à Educação Inclusiva: uma Breve Reflexão sobre os Paradigmas Educacionais no Contexto da Educação Especial Brasileira. **Revista Inclusão** nº 1, 2005, MEC/ SEESP.

GÓES, Maria Cecília Rafael de. **Linguagem, Surdez e Educação**. – 4. ed. revista – Campinas, SP: Autores Associados, 2012.

KARNOPP, Lodenir Becker. **Práticas de leitura e escrita entre os surdos**. LODI, A. C. B; MELO., A. D. B.; FERNANDES, E. (Org.). Letramento, bilinguismo e educação de surdos. - 2. ed. - Porto Alegre: Mediação, 2015.

KELMAN, Celeste Azulay; BUZAR, Edeilce Aparecida Santos. **Pensamento e Linguagem na pessoa surda**. Kelman, C. A; Castro, M. G. F. de; Razuck, R. C. S. R. (Org.). Educação bilíngue de surdos: desafios e perspectivas. - RJ: WakEditora, 2024.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de; SANTOS, Lara Ferreira dos. **Tenho um aluno surdo, e agora?** Introdução à Libras e educação de surdos. São Paulo: EdUFSCar, 2014.

LAKATOS, Eva. Maria. **Metodologia do trabalho científico**: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos. – 4. ed. – São Paulo: Atlas, 1992.

LODI, Ana Claudia Balieiro; Harrison, Kathryn Marie Pacheco; Campos, Sandra Regina Leite Campos. **Letramento e surdez**: um olhar sobre as particularidades do contexto educacional. LODI, A. C. B; MELO., A. D. B.; FERNANDES, E. (Org.). Letramento, bilinguismo e educação de surdos. - 2. ed. - Porto Alegre: Mediação, 2015.

LUPETINA, Raffaella de Menezes. **Rompendo o silêncio**: história de vida de indivíduos com surdocegueira adquirida. 2019. 173 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

MENDES, Regina Maria R. **Afinal: intérprete, professor-intérprete, mediador ou auxiliar?** Trabalho de intérpretes na lógica inclusiva. In: Libras em estudo:

tradução/interpretação / Neiva de Aquino Albres e Vânia de Aquino Albres Santiago (organizadoras). – São Paulo: FENEIS, 2012.

OLIVEIRA, M. C. P. **A escolarização de alunos com deficiência intelectual à luz da perspectiva histórico-cultural: avaliação mediada e apropriação conceitual.** 2016. 133 p. Dissertação (Mestrado em Educação) Instituto de Educação / Instituto Multidisciplinar / PPGEduc / Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Nova Iguaçu, RJ. 2016.

PAIVA, Gisele Oliveira da Silva; MELO, Francisco Ricardo Lins Vieira de. Acessibilidade Linguística de Surdos no Ensino Superior: Reflexões Sobre o Curso de Letras Libras/Língua Portuguesa da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Relato de Pesquisa. **Rev. bras. educ. espec.** 27, 2021.

PINTO, Loide Leite Aragão. **Produção Textual:** caminhos do ensino bilíngue para o estudante surdo. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

PLETSCH, M. D.; OLIVEIRA, M. C. P.; SOUZA, I. M. S.; CORDEIRO, K. M. Ciência em Educação Especial: pesquisa cidadã transformadora, acessibilidade e desenvolvimento humano. **Revista Saber Incluir**, Santarém, PA, v. 2, n.1, jan.-abr, 2024.

PLETSCH, M. D.; OLIVEIRA, M. C. P.; NOGUEIRA, J. S.; SANTOS, J. V. F. Suporte Educacional, Estrutura e Funcionamento do Núcleo de Acessibilidade e Inclusão da UFRRJ. In: Naiara Chierici da Rocha, GabrielyCabestré Amorim, Mônica Cristina Garbin. (Org.). Formação e inclusão no ensino superior [livro eletrônico]: experiências e perspectivas. 1ed.São Paulo/SP: **Artesanato Educacional**, 2023, v. 1, p. 17-32.

PLETSCH, M. D. Perspectivas e desafios para a inclusão e a acessibilidade na Educação Superior. **No prelo.** 2025.

_____. O Que Há de Especial na Educação Especial Brasileira?..**Momento: diálogos em educação**, E-ISSN 2316-3110, v. 29, nº 1, p. 57-70, jan./abr., 2020.

PRADO, R. Educação bilíngue de alunos surdos: as contradições entre políticas públicas de inclusão, legislação e afirmação da cultura surda. In: O ensino de língua portuguesa para surdos: reflexões do I Simpósio sobre o ensino de Língua Portuguesa para surdos do INES. **Arqueiro/ Instituto Nacional de Educação de Surdos.** – Vol. 1 (jul/dez 2017) – Rio de Janeiro: INES.

QUADROS, R. M. **Letras LIBRAS: ontem, hoje e amanhã** / Ronice Müller de Quadros, organizadora. - Florianópolis: Ed. da UFSC, 2014.

_____. **O “BI” em bilinguismo na educação de surdos.** LODI, A. C. B; MELO., A. D. B.; FERNANDES, E. (Org.). Letramento, bilinguismo e educação de surdos. - 2. ed. - Porto Alegre: Mediação, 2015.

SENNA, L. A. G. **Bilinguismo cultural:** da linguística à agenda de estudos em educação inclusiva. SENNA, Luiz Antonio Gomes. (Org). Bilinguismo Cultural: estudos sobre culturas em contato na educação brasileira. Curitiba: Appris Editora, 2021.

_____. **A propósito de um sujeito cognoscente para o bilinguismo cultural.** SENNA, Luiz Antonio Gomes. (Org). Bilinguismo Cultural: estudos sobre culturas em contato na educação brasileira. Curitiba: Appris Editora, 2021.

SILVA, L. G. G. Há memória política na Baixada Fluminense? Memórias de um território em disputa por um presente. **Polêm!ca**, v. 18, n. 4, p. 80-103, outubro, novembro e dezembro, 2018.

SOARES, M. **Letramento**: um tema em três gêneros. - Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

_____. Letramento e Alfabetização: as muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo: Autores Associados, v.25, p. 5-17, 2004.

STROBEL, K. **História da Educação de Surdos**. Licenciatura em Letras-LIBRAS na modalidade à distância. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2009. Disponível em: <<http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/>>. Acesso em: 20 mar. 2023.

VIGOTSKI, L. S. **Problemas da defectologia**. v1; organização, edição, tradução e revisão técnica de Zola Prestes e Elizabeth Tunes. – 1.ed. – São Paulo: Expressão Popular, 2021.

_____. **Pensamento e linguagem**. Tradução Jefferson Luiz Camargo; revisão técnica José Cipolla Neto. – 4ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2008.

WELLER, W. **A contribuição de Karl Mannheim para a pesquisa qualitativa: aspectos teóricos e metodológicos**. Sociologias, Porto Alegre, ano 7, nº 13, jan/jun. p. 260-300, 2005.

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA OS ESTUDANTES SURDOS**Identificação**

Nome:

Idade:

Curso:

Campus:

Gênero: () F () M () Prefiro não informar

Raça:

Contexto social/educacional dos sujeitos:

Como você descobriu ser surdo (a)?

Como foi seu processo educacional, estudou em escola bilíngue de surdos ou inclusiva, pública ou privada? Qual município?

Como você avalia esse processo, foi positivo ou negativo? Como acha que poderia melhorar?

Como você avalia a sua comunicação em Libras? Você acha que a Libras é suficiente para expressar tudo o que deseja?

Para você, como você avalia o seu uso da língua portuguesa escrita no dia a dia?

Ingresso no ensino superior:

O que os levou a escolherem o curso de graduação?

O que tem sido positivo e/ou negativo na graduação?

Como avalia o suporte que a universidade oferece por meio do NAI? O que poderia melhorar?

Como vocês avaliam a interação com seus colegas surdos e ouvintes da universidade?

Quais estratégias usam para compreender os textos acadêmicos em português escrito?

Perspectiva para o futuro:

Quando terminar a graduação, o que pretende fazer no sentido profissional e/ou acadêmico?